

K/Scanner

LT-14

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB

FACULDADE DE LETRAS

A ESTRATEGIA DE AÇÃO RECEPTIVA  
NA FORMAÇÃO DE GRUPOS DE ALUNAS  
PASTELINAS DE CONSELHO DIRETOR  
DE BRASÍLIA DO PORTUGUÊS DE MIGRAÇÃO

FELICIANO SALVADOR CRISTIANE

BRASÍLIA

1995

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS

A ESTRATÉGIA DE PRONOME RESUMPTIVO  
NA FORMAÇÃO DE ORAÇÕES RELATIVAS  
RESTRITIVAS DE OBJECTO DIRECTO E  
DE OBLÍQUO DO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Dissertação Apresentada em cumprimento Parcial dos  
Requisitos Exigidos para a Obtenção do Grau de Licenciatura  
em Linguística da Universidade Eduardo Mondlane.

*Feliciano Salvador Chimbutane*

MAPUTO

1995

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

## AGRADECIMENTOS

A realização da presente dissertação só foi possível graças ao contributo multifacetado prestado por várias pessoas que me querem bem. A todas essas pessoas gostaria de manifestar a minha singela mas profunda gratidão, em especial:

À Prof<sup>a</sup>. Doutora Perpétua Gonçalves, minha supervisora, pelo perfil e rigor académicos que pacientemente soube inculcar em mim desde os primeiros anos do curso e pelas sugestões que me fez, sobretudo, nos momentos mais difíceis da minha investigação;

A todos os professores, que ao longo do curso me dispensaram a devida atenção e me mostraram os meandros da Linguística;

Aos meus colegas do curso, pela colaboração ao longo dos cinco anos e pelas suas contribuições no estudo que realizei;

Aos Serviços Culturais da Embaixada de Portugal, e em especial ao Doutor Soares Martins, pelo apoio bibliográfico prestado;

Ao Goba e à Ismênia, pela assistência na área da informática;

Aos meus pais, que desde muito cedo me desviaram das más companhias e inocularam em mim o amor pelas letras;

Aos meus amigos Saíde, Emanuel, Pedro, Argentino, Elísio, António e Tsamba sobretudo, pelo apoio moral dispensado;

À Mamo, pelo carinho e compreensão, especialmente nos momentos em que as vicissitudes decorrentes do trabalho me punham irascível e pouco comunicativo;

Ao Dino, que com os seus "berros" de alegria me proporcionou momentos de distração úteis para o prosseguimento do trabalho.

## RESUMO

O objectivo geral desta pesquisa é, a partir da descrição estrutural das orações relativas que seguem a estratégia de pronome resumptivo, contribuir na sistematização da gramática do português de Moçambique. Neste estudo, tomámos como base um corpus de frases produzidas por alunos das 11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> classes.

Constituem esta dissertação os capítulos que a seguir indicamos:

Capítulo I - Introdução - apresentamos a motivação que nos levou a realizar o presente estudo, o contributo que pensamos dar, o objecto de estudo e os critérios que ditaram a sua escolha, o objectivo e a hipótese explicativa básica.

Capítulo II - Quadro Teórico e Revisão Bibliográfica - fornecemos alguns conceitos da Teoria da Regência e da Ligação pertinentes para a análise, e fazemos uma resenha bibliográfica sobre a forma como as orações relativas, em geral, e as relativas com pronome resumptivo, em particular, vêm sendo analisadas no âmbito da Gramática Generativa.

Capítulo III - Metodologia de Recolha de Dados Empíricos - apresentamos, respectivamente, os critérios que determinaram a escolha da população-alvo, algumas informações sobre os indivíduos que nos forneceram os dados empíricos, a forma como foram recolhidos esses dados, os resultados dos testes e a avaliação dos mesmos.

Capítulo IV - Análise de Dados - apresentamos e justificamos a metodologia seguida na análise das relativas de OD e de OBL do PM e fazemos a respectiva descrição estrutural, tendo como ponto de partida uma hipótese explicativa básica.

Ao longo dessa análise, procuramos, por um lado, mostrar a inadequação da descrição das relativas acima referidas à luz da regra mover Q e, por outro lado, procuramos legitimá-las ao nível da Gramática Universal, tendo como argumentos os resultados dos testes e pressupostos teóricos da Gramática Generativa.

Capítulo V - Conclusões e Recomendações - fornecemos as conclusões gerais sobre o estudo realizado, e damos algumas sugestões para futuras investigações assim como para a área do ensino do português em Moçambique.

## ÍNDICE

Declaração .....	i
Agradecimentos .....	ii
Resumo .....	iii
Índice .....	v
Símbolos e Convenções .....	viii
<b>Capítulo I - Introdução .....</b>	<b>1</b>
1. Motivação e Importância do Estudo .....	2
2. Delimitação do Objecto de Estudo .....	4
3. Objectivo do Estudo .....	7
4. Hipótese Geral .....	8
<b>Capítulo II - Quadro Teórico e Revisão Bibliográfica 11</b>	
A. Quadro Teórico .....	12
1. Objectivos da Gramática Generativa .....	12
2. A forma da Gramática Universal e das Gramáticas Particulares na Teoria da Regência e da Ligação .....	13
3. Alguns Aspectos sobre a Estrutura da Gramática .....	15
3.1. O Léxico .....	15
3.2. Estrutura-P .....	16
3.3. Regras de Movimento ("Mover $\alpha$ ") .....	16
3.4. Estrutura-S .....	17
4. Breve Apresentação de Alguns Princípios da Gramática ..	18
4.1. Os Princípios Básicos da Teoria X-Barra .....	18
4.2. O Princípio de Projecção .....	19
B. Revisão Bibliográfica .....	20
1. Tipologia das Orações Relativas - Breve Caracterização	20
2. O Estatuto dos Morfemas Relativos no Interior das Orações Relativas .....	22
3. A Sintaxe das Orações Relativas Restritivas .....	23
3.1. A Estrutura Sintáctica que Contém uma Oração Relativa	23
3.2. O Movimento Q .....	24

3.3. Motivação para a Análise das Orações Relativas por Movimento .....	25
3.4. Local de Poiso dos Morfemas Q .....	27
4.1. A Estratégia de Pronome Resumptivo na Formação de Orações Relativas .....	28
4.2. A Regra Mover Q e a Estratégia de Pronome Resumptivo - Duas Perspectivas de Análise .....	30
4.2.1. As Orações Relativas com Pronome Resumptivo não Envolvem Movimento Q .....	30
4.2.2. As Orações Relativas com Pronome Resumptivo Envolvem Movimento Q .....	31
5. A Origem do Morfema QUE - Uma Abordagem Diacrónica e Comparativa .....	33
 <b>Capítulo III - Metodologia de Recolha de Dados Empíricos</b>	<b>36</b>
1. A População-Alvo .....	37
2. Constituição do Corpus .....	40
3. Testes de Aferição de Dados e de Hipóteses .....	42
4. Os Resultados dos Testes e Avaliação .....	45
4.1. Quadro Geral dos Resultados .....	45
4.2. Avaliação dos Resultados .....	46
4.3. Breves Conclusões .....	49
 <b>Capítulo IV - Análise de Dados</b>	<b>51</b>
A. Metodologia de Análise de Dados .....	52
1. Descrição das Estruturas das Orações Relativas de OD e de OBL Permitidas pela Norma do Português Europeu ...	52
2. Caracterização das Estruturas das Orações Relativas de OD e de OBL do Português de Moçambique ...	52
B. Análise de Dados .....	53
1. Relativas de OD .....	53
1.1. Na Norma do Português Europeu .....	53
1.2. No Português de Moçambique .....	57
1.2.1. Hipótese Explicativa .....	57
1.2.2. Análise Descritiva das Frases do Corpus .....	59
2. Relativas de OBL .....	64
2.1. Na Norma do Português Europeu .....	64
2.2. No Português de Moçambique .....	66

2.2.1. Hipótese Explicativa .....	66
2.2.2. Análise Descritiva das Frases do Corpus .....	68
3. Breves Conclusões .....	75
<b>Capítulo V - Conclusões e Recomendações .....</b>	<b>76</b>
1. Conclusões .....	77
2. Recomendações .....	78
Bibliografia .....	i
Anexos .....	iv

## Símbolos e Convenções

- \* = Agramaticalidade
- > = Superior a
- > = Reescreve-se
- i = Índice de expressões nominais
- [-INT] = - Interrogação
- [-] ou Ø = Categoria vazia ou nulo
- [v] = Vestígio
- ADJ = Adjectivo
- COMP = Complementador
- D = Determinante
- ESP = Especificador
- F = Frase
- Fn = Frase do Corpus, com o número n
- GG = Gramática Generativa
- GU = Gramática Universal
- L1 = Língua primeira (materna)
- L2 = Língua segunda
- LB = Língua bantu
- Lit = (Tradução) Literal
- N = Nome
- OBL = Oblíquo
- OD = Objecto directo
- OI = Objecto indirecto
- Op = Operador
- P = Preposição
- PB = Português do Brasil
- PE = Português Europeu
- PM = Português de Moçambique
- SADJ = Sintagma Adjectival

SCOMP = Sintagma Complementador  
SN = Sintagma Nominal  
SP = Sintagma Preposicional  
SU = Sujeito  
SV = Sintagma Verbal  
Tn = Frase do teste com o número n no anexo  
TRL = Teoria da Regência e da Ligação  
V = Verbo

## Capítulo I

### Introdução

#### Resumo

O objectivo deste capítulo é fornecer os elementos que permitam um enquadramento geral da pesquisa que realizámos.

Assim, no ponto 1. descrevemos a motivação que nos levou a realizar o presente estudo e indicamos o possível contributo que podemos dar sobretudo na sistematização da gramática do português de Moçambique; no ponto 2. fazemos a delimitação do nosso objecto de estudo, procurando apresentar os critérios que ditaram a sua escolha; no ponto 3. indicamos o objectivo que pretendemos atingir e referimo-nos à Gramática Generativa, quadro teórico sobre a qual assenta o nosso estudo e, por último, no ponto 4. apresentamos a hipótese explicativa básica para os dois tipos de relativas que constituem o nosso objecto de estudo.

## 1. Motivação e Importância do Estudo

Uma das consequências imediatas da Independência Nacional de Moçambique (1975) foi a relativa massificação do ensino. Com efeito, se durante o tempo colonial apenas uma ínfima parte dos moçambicanos tinha acesso ao ensino, o advento da independência abriu as portas para a escolarização e, conseqüentemente, subiu de forma notável o número de nacionais com acesso à língua portuguesa, a língua oficial e de ensino em Moçambique.

Entretanto, neste processo de disseminação do português, vários factores concorreram para o desenvolvimento de novas formas de uso desta língua. Na verdade, factores como a falta de professores e de materiais de ensino da língua portuguesa, ausência de contacto com a variante europeia - adoptada como norma a seguir em Moçambique - aliados ao facto de o português ser língua segunda para a quase totalidade dos utentes<sup>1</sup>, aceleraram o processo de formação do que se poderia chamar português de Moçambique.

O processo de estabilização de uma variante linguística leva o seu tempo e nós estamos conscientes de que a variante moçambicana do português ainda está em processo de formação. No entanto, como falantes e, sobretudo, como professores de Português, constatámos já a existência de certas formas regulares, típicas de uso do português em Moçambique, "desviantes" relativamente à norma<sup>2</sup> do português europeu mas que neste país vão ganhando espaço, podendo

---

<sup>1</sup> Segundo o censo de 1980, o português era falado por menos de 30% dos moçambicanos, dos quais apenas 1,2% tinha esta língua como língua materna (L1).

<sup>2</sup> Por uma questão de simplicidade, neste trabalho, usamos o termo **norma** com o sentido de **norma-padrão**.

por isso já serem "tomadas como (primeiras) evidências sobre as características da (futura) norma da variedade moçambicana do português". (GONÇALVES 1994a:471-72)

Estas novas formas de uso do português em Moçambique não excluem contudo o uso desta língua de acordo com a norma europeia. É por isso que se pode dizer que, em Moçambique, paralelamente ao uso do português de acordo com a norma europeia há já novas formas (típicas) cada vez mais "toleradas".

Tais formas podem ser atestadas a diferentes níveis linguísticos - fonológico, lexical, sintáctico e semântico. Contudo, se bem que as mudanças ao nível fonológico e lexical, por exemplo, sejam muitas vezes facilmente detectáveis, o mesmo não se pode dizer relativamente ao nível sintáctico.

O PM exhibe padrões sintácticos que uma vez estudados contribuirão para a caracterização desta variante em formação e até para a identificação de áreas de mudança no português.

Assim, já que certos aspectos verificados na sintaxe das relativas produzidas por falantes adultos e instruídos do PM se situam nesse conjunto de regularidades que caracterizam esta variante, consideramos que merecem um estudo e sistematização, daí a motivação para o presente trabalho.

Com esta pesquisa, achamos poder contribuir na descrição e sistematização do que se poderia chamar gramática do PM. Julgamos que uma tal sistematização seria de capital importância sobretudo na planificação e nas estratégias a seguir no processo de ensino e aprendizagem do português em Moçambique. Por outro lado, pensamos poder dar o nosso contributo na resposta ao desafio lançado por FARIA e DUARTE (1989:22-23) sobretudo ao interrogarem-se sobre o

que une e "distingue sintacticamente falantes de diversas variedades do português".

## 2. Delimitação do Objecto de Estudo

Com o presente trabalho, pretendemos fazer uma análise descritiva da sintaxe das orações relativas restritivas<sup>3</sup> do PM.

Na sintaxe das orações relativas do PM estão envolvidos vários aspectos considerados "desviantes" à luz da norma europeia, mas que em Moçambique são bastante frequentes e regulares.

No discurso da nossa população-alvo<sup>4</sup>, tais "desvios" estão relacionados basicamente com a escolha do introdutor, emprego de preposições e marcação de funções sintáctico-semânticas no interior das relativas. Os exemplos abaixo ilustram estes três tipos de casos:

### (i) escolha do introdutor

- (1) O professor distribuiu um texto **que** o conteúdo é o seguinte...  
(PE: ... um texto cujo conteúdo é o seguinte...)

### (ii) emprego de preposições

- (2) Os sons **que** se referiu o autor eram inaudíveis<sup>5</sup>.  
(PE: Os sons a que se referiu o autor...)

---

<sup>3</sup>Sobre a tipologia das orações relativas Cf. Cap.II deste trabalho.

<sup>4</sup>Neste trabalho escolheu-se como população-alvo estudantes do nível pré-universitário (ver descrição no Cap.III,1).

<sup>5</sup>Na formação desta relativa está envolvida a chamada "estratégia cortadora" (Cf. KATO 1993) que consiste na eliminação da preposição subcategorizada pelo verbo da relativa. Esta estratégia já foi também atestada no PE e no português do Brasil (Cf. FARIA e DUARTE 1989).

(iii) marcação de funções sintáctico-semânticas

- (3) Esse é um facto que podemos constactá-lo se formos a Portugal. (F4)  
(PE: ... um facto que podemos constatar ...)

Em trabalhos de análise de erros em orações relativas do PM realizados por GONÇALVES ET AL (1986), DINIZ (1986) e PEREIRA (1991), os pontos (i) e (ii) são apontados como das áreas mais problemáticas para os alunos do ensino primário. O ponto (iii) é apenas tratado em DINIZ (1986), e os problemas observados são tidos, basicamente, como resultado do facto de os alunos estarem numa fase de desenvolvimento linguístico em que "tentam passar da frase simples para a complexa" (p.54).

O estudo de cada um dos três tipos de caso acima pressupõe uma análise de uma gama variada de aspectos sintáctico-semânticos. Na eventualidade de abarcarmos todos os casos, a nossa abordagem seria bastante superficial dados os parâmetros estabelecidos para um trabalho de licenciatura.

Assim, optámos por analisar o caso de marcação de funções sintáctico-semânticas, mais concretamente o fenómeno do pronome resumptivo<sup>6</sup> ilustrado pelo exemplo (3).

Na frase (3), o pronome resumptivo é o clítico *o*, que neste caso aparece na forma *lo*. Estes pronomes são definidos como "cópias com traços de concordância - género, número e por vezes caso - do SN da frase matriz que representam na relativa (Cf. VASCONCELOS 1993:64).

Esta estratégia de formação de orações relativas que envolve a ocorrência de pronomes resumptivos, o foco da nossa análise, é

---

<sup>6</sup> Os pronomes resumptivos são também designados "pronomes cópia" ou "pronomes lembrete" (Cf. FARIA e DUARTE (1989) e KATO (1993)).

designada "estratégia de pronome resumptivo"<sup>7</sup>.

Julgamos que a escolha deste tipo de construções permitirá uma análise mais sistemática e quiçá mais elucidativa das regularidades verificadas nas relativas do PM.

No PM, o pronome resumptivo pode ocorrer nas relativas de SU, OD, OI, OBL<sup>8</sup> ou nas relativas de genitivo<sup>9</sup>, conforme ilustrado abaixo:

- (4) "Em Moçambique há muitos ladrões [que eles roubam muito]". (Relativa de SU, in: DINIZ 1986:33)
- (5) Esse é um facto [que podemos constatá-lo] se formos a Portugal. (relativa de OD, idem (3))
- (6) O aluno [que o senhor entregou-lhe o livro] não é desta turma. (relativa de OI)
- (7) ... o dinheiro [que saí com ele] acabou. (F35, relativa de OBL)
- (8) ... era um professor [que a voz dele parecia um trovão] (relativa de genitivo)

Na nossa recolha de dados, não registámos nenhum caso de pronome resumptivo nas relativas de SU, e apenas encontramos um caso de relativa de OI, o exemplo (6). Achamos que estes dois tipos de relativas são típicos do discurso infantil. Assim, o facto de, por um lado, não termos detectado nenhuma frase relativa resumptiva de SU e, por outro lado, termos atestado apenas uma de OI levou-nos a excluirmos da análise estes dois tipos de relativas.

---

<sup>7</sup>Esta estratégia é também chamada "estratégia copiadora" (Cf. KATO 1993).

<sup>8</sup>Estas designações têm como base a relação entre o antecedente e a posição sintáctica com a qual está associado no interior da relativa. Assim, em (4), por exemplo, temos uma relativa de SU porque o antecedente **muitos ladrões** está associado à posição de SN/SU.

<sup>9</sup>Referimo-nos aos casos em que a relativa marca o genitivo.

Apesar da alta frequência de relativas de genitivo, como o exemplo (8), decidimos excluí-las também da análise por requererem hipóteses explicativas de certo modo diferentes das colocadas para as relativas de OD e de OBL. Achamos que o esforço e pesquisa necessários para uma análise profunda das relativas de genitivo já de si justificaria um trabalho com a amplitude deste que ora apresentamos.

Assim, optamos por estudar as orações relativas restritivas de OD e de OBL basicamente pelas seguintes razões:

- (i) alto índice de frequência no discurso oral e escrito da nossa população-alvo;
- (ii) semelhança e regularidade dos mecanismos sintáctico-semânticos envolvidos;

### 3. Objectivo do Estudo

Conforme já referimos, o nosso estudo tem como objectivo principal fazer uma descrição estrutural das orações relativas restritivas de OD e de OBL produzidas por falantes adultos e instruídos do PM.

Como forma de melhor atingirmos este objectivo geral achamos pertinente definir quatro objectivos parciais. Assim, ao longo do estudo propomo-nos:

- (i) mostrar em que medida as relativas do corpus se distinguem das relativas equivalentes permitidas pela norma do PE;
- (ii) mostrar a forma como são analisadas, no quadro da Gramática Gerativa, as relativas permitidas pela norma do PE;
- (iii) demonstrar que as relativas do PM não se deixam analisar pelo mesmo esquema adoptado para a descrição das relativas permitidas pela norma do PE;

(iv) propor uma caracterização para as relativas do PM.

Como se pode depreender a partir destes objectivos parciais, no nosso estudo assume-se que, apesar de as relativas do corpus serem distintas das permitidas pela norma do PE, na sua análise deve-se ter sempre em conta a norma europeia já que em Moçambique ainda não há uma variante estável que possa servir de referência.

Mas, por outro lado, assume-se que a frequência e a regularidade dos mecanismos envolvidos nestas relativas do PM é sinal de que elas são legitimáveis ao nível da Gramática Universal<sup>10</sup>. Além disso, pelos dados já recolhidos (e também pelos que Tarallo (1983) divulga sobre o PB), parece esperável que na futura norma do PM coexistam as estratégias da lacuna e de pronome resumptivo.

É no espírito subjacente a esta última assumption que decidimos adoptar como quadro teórico para a análise a GG. Com efeito, consideramos que este quadro teórico se adequa ao tipo de estudo realizado uma vez que um dos objectivos dos generativistas é "tentar compreender a natureza de conhecimento linguístico por parte dos sujeitos falantes-ouvintes". (BRITO 1991:15)

#### 4. Hipótese Geral

Em todos os casos a analisar há de comum o facto de o lugar que, de acordo com a norma do PE, se esperaria vazio por consequência do movimento Q<sup>11</sup>, se encontrar lexicalmente preenchido

---

<sup>10</sup>Sobre a GU, ver Cap.II deste trabalho.

<sup>11</sup>Sobre o movimento Q, ver Cap.II deste trabalho.

por um pronome pessoal clítico acusativo, nas relativas de OD, ou por um SP/OBL (com a estrutura P + pronome pessoal tónico), nas relativas de OBL. Confirmam-se os exemplos abaixo:

(9) ... esse é um tipo de programa [que eu adoraria imenso vê-lo]. (F11, relativa de OD)

(10) Há algumas questões [que não podemos falar sobre elas numa sala de aulas]. (F23, relativa de OBL)

Seguindo a norma do PE<sup>12</sup>, as duas frases acima realizar-se-iam, respectivamente, conforme (9)' e (10)':

(9)' ... esse é um tipo de programa [que eu adoraria imenso ver].

(10)' Há questões [sobre as quais não podemos falar numa sala de aulas].

Apesar da diferença estrutural entre as relativas de OD e de OBL do PM, o elemento comum acima indicado - ocorrência de material lexical no lugar que se esperaria vazio - sugere que os dois casos podem ser analisados a partir de uma mesma hipótese explicativa básica, hipótese essa que será ajustada a cada tipo de estrutura.

Nos dois casos em estudo parece que os falantes do PM não analisam o morfema invariável **que** como veiculador de informação referencial, tal como é analisado na norma do PE. Assim, porque este morfema não é interpretado como uma anáfora lexical, os falantes parecem recorrer aos pronomes resumptivos para recuperar, nas orações relativas, a informação referencial veiculada pelo antecedente.

---

<sup>12</sup>Na formação de orações relativas a norma do PE admite apenas a chamada estratégia da lacuna. De acordo com a regra mover Q, neste tipo de estratégia o movimento dos morfemas Q deixa no interior das relativas uma lacuna, daí o nome estratégia da lacuna. (sobre esta questão ver ainda capítulos II e IV mais adiante)

Assumindo-se o que se disse no parágrafo anterior, parece poder-se postular que nos casos a analisar o morfema **que** não é um pronome relativo mas um complementador. A consequência desta hipótese é que na formação das relativas do PM que constituem o nosso objecto de estudo não está envolvido o movimento Q.

Esta hipótese será retomada e desenvolvida no Cap.IV, Análise de Dados.

## Capítulo II

### Quadro Teórico e Revisão Bibliográfica

#### Resumo

O objectivo geral deste capítulo é fornecer alguns dados sobre o aparelho teórico usado neste estudo do PM.

Assim, na parte A - Quadro Teórico - apresentamos alguns aspectos da Teoria da Regência e da Ligação (TRL), teoria da Gramática Generativa sobre a qual assenta a nossa pesquisa. Esta apresentação centrar-se-á nos princípios e conceitos com os quais iremos operar na análise de dados.

Na parte B - Revisão Bibliográfica - apresentamos uma resenha bibliográfica da forma como as orações relativas vêm sendo analisadas no âmbito da GG. Decorrente deste objectivo, e já na linha do nosso objecto de estudo, apresentaremos duas perspectivas opostas relativamente à abordagem das orações relativas com pronome resumptivo - uma em que se postula que neste tipo de relativas não está envolvido o movimento Q, e outra em que se defende que ocorre este tipo de movimento.

## A. Quadro Teórico

Nesta parte A, pretendemos apresentar alguns aspectos da TRL<sup>13</sup>, como se disse, teoria da GG sobre a qual assenta o nosso estudo.

Esta apresentação insidirá sobre os princípios e conceitos mais relevantes com os quais iremos operar na análise de dados. No desenvolvimento do texto irão ser retomados os aspectos aqui abordados e serão introduzidos outros de uso mais restrito.

### 1. Objectivos da Gramática Generativa

De acordo com BRITO (1991:15), os objectivos fundamentais da GG são os seguintes:

- (i) "fornecer teorias das línguas naturais;
- (ii) tentar compreender a natureza do conhecimento linguístico por parte dos sujeitos falantes-ouvintes;
- (iii) fornecer hipóteses acerca do modo de aquisição desse conhecimento."

No âmbito da GG tem-se como pressuposto a concepção de que a linguagem é um sistema de conhecimento interiorizado na mente humana. Assim, nos objectivos acima indicados, e de um modo geral no quadro da GG, deve-se entender **língua** como sistema de conhecimento mental e não como uma colecção de expressões realizadas (Cf. RAPOSO 1992:27).

Nesta linha, o objecto de análise da GG "são as línguas no sentido 'intencional' e 'interiorizado', ou seja, os mecanismos que

---

<sup>13</sup>TRL é o nome por que é conhecida "a teoria exposta por Chomsky no seu livro *Lectures on Government and Binding* de 1981". (BRITO 1991:18)

permitem aos sujeitos falantes que adquiriram o conhecimento linguístico atribuir inconscientemente estruturas às expressões duma dada língua natural". (BRITO 1991:15-16)

No programa de investigação da GG procura-se, portanto, fazer "o estudo da natureza e das propriedades exactas da Gramática Universal". (RAPOSO 1992:47)

Segundo BRITO (1991:16), a GU é encarada de dois modos - como teoria geral das gramáticas e como "um objecto biológico".

Como teoria geral das gramáticas, a GU é um sistema de princípios e parâmetros. Os princípios universais e os parâmetros fixados definem, para cada língua, a gramática "nuclear" ou "central", a parte não marcada derivada mais ou menos directamente da GU e a "periferia", parte marcada, inerente à própria língua (Cf. BRITO 1991:16).

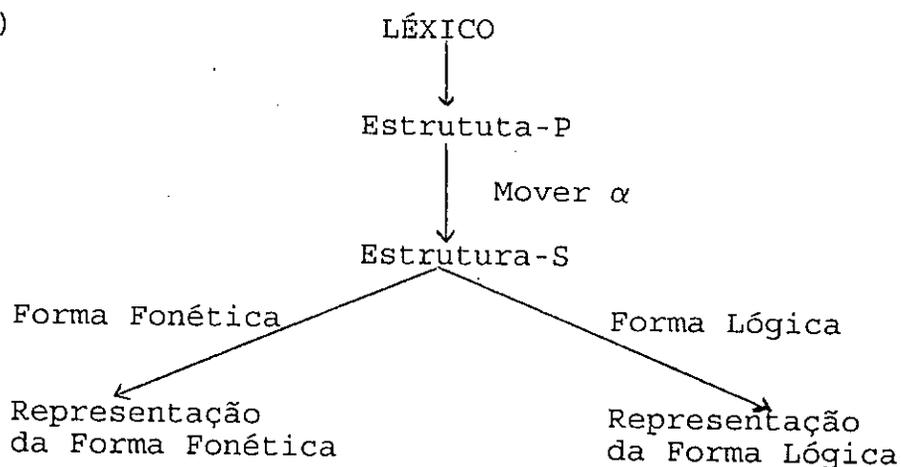
Como "objecto biológico", a GU é "a soma dos princípios linguísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie." (RAPOSO 1992:46) Nesta óptica, a GU é tida como o "estado inicial do mecanismo de aquisição da linguagem". (RAPOSO 1992:46)

No presente trabalho encarar-se-á a GU basicamente como teoria geral das gramáticas.

## 2. A Forma da GU e das Gramáticas Particulares na TRL

A forma da GU e das gramáticas particulares proposta no âmbito da TRL é a seguir representada:

(11)



(in: DUARTE 1987:153, adaptação)

Concebe-se que a análise dos enunciados linguísticos deve incorporar quatro níveis de representação: Estrutura-P, Estrutura-S, Representação da Forma Fonética e Representação da Forma Lógica.

A estrutura-P é obtida a partir da inserção lexical e da aplicação de regras categoriais; a estrutura-S obtém-se a partir da estrutura-P pela aplicação de regras de movimento de constituintes ("mover  $\alpha$ "); à estrutura-S é atribuída uma forma fonética e uma forma lógica.

O Léxico, as Regras de Movimento, a Forma Fonética e a Forma Lógica são as componentes da gramática. Estas componentes são reguladas pelos seguintes sistemas de princípios ou teorias: Teoria da X-Barra; Teoria da Regência; Teoria Temática; Teoria do Caso; Teoria da Ligação; Teoria do Controlo e Teoria dos Nós-Fronteira.

NA TRL considera-se que estas teorias "actúan de maneira modular e interactuante" (BRITO 1991:18) ao nível das diferentes componentes da gramática.

### 3. Alguns Aspectos sobre a Estrutura da Gramática

Neste ponto apenas apresentamos alguns aspectos relativos ao Léxico, à Estrutura-P, às Regras de Movimento e à Estrutura-S relevantes para a análise de dados. Não se fará qualquer apresentação relativa à Forma Fonética e à Forma Lógica, uma vez que neste estudo não se fará apelo a estas duas componentes.

#### 3.1. O Léxico

De acordo com RAPOSO (1992:89), "o léxico é a componente do modelo gramatical onde se encontram as informações de natureza fonológica, sintáctica e semântica sobre os itens lexicais individuais." Assim, no léxico atribui-se a cada item lexical uma "estrutura argumental", em que se especificam as seguintes informações:

- (i) categoria sintáctica a que pertence;
- (ii) o estatuto categorial e a função sintáctica do(s) seu(s) complemento(s) - propriedades de selecção categorial (selecção-c);
- (iii) o número e o papel temático do(s) seu(s) argumento(s) - propriedades de selecção semântica (selecção-s).

Veja-se a exemplificação abaixo:

(12) destruir<sub>v</sub>: [ - SN/OD<sub>Tema</sub>]

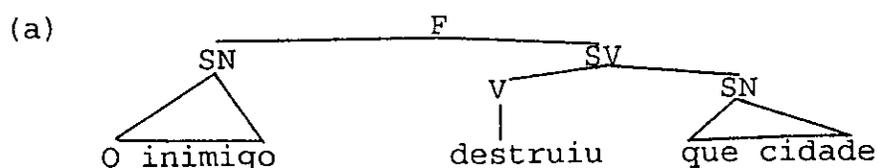
isto é, o item lexical **destruir** é um verbo (categoria sintáctica); subcategoriza como complemento um SN, com a função sintáctica de OD (propriedades de selecção-c); o seu único argumento interno, o

SN/OD, tem o papel de tema (propriedades de selecção-s).

### 3.2. Estrutura-P

Segundo Rouveret (1987:29), citado por GONÇALVES (1990:54), a estrutura-P pode ser definida como a "representação pura das relações de dependência lexical e de subcategorização". Assim, dada uma estrutura sintáctica, os constituintes ocupam a este nível as posições canônicas definidas na entrada lexical do núcleo de que dependem. Veja-se, em (a) abaixo, a estrutura-P de (13):

(13) Que cidade o inimigo destruiu?



Nesta estrutura os constituintes da frase ocupam as suas posições canônicas e as relações de dependência estão claramente indicadas. Por exemplo, o SN *que cidade* é dominado, a este nível, pelo nó SV.

### 3.3. Regras de Movimento ("Mover $\alpha$ ")

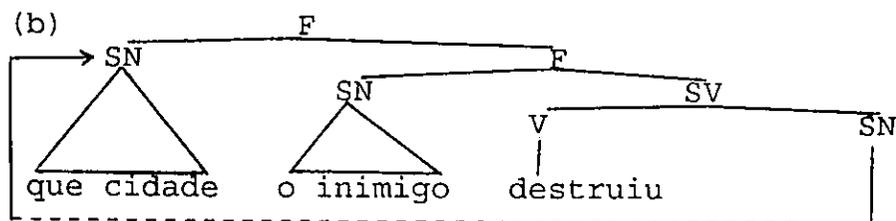
A componente "mover  $\alpha$ " surge na TRL da "tentativa de reduzir as múltiplas regras de movimento dos modelos anteriores da GG a regras extremamente simples como, mover NP ou mover Wh." (RAPOSO 1992:116) Ainda de acordo com este autor, a regra mover SN engloba (entre outras) as transformações passivas e de elevação do SU e mover Q engloba (entre outras) as transformações de relativização

e a formação de frases interrogativas.

As regras de movimento aplicam-se sobre as estruturas-P derivando as estruturas-S.

### 3.4. Estrutura-S

A estrutura-S constitui "uma representação concreta da estrutura hierárquica e da ordenação linear efectivamente existente entre os constituintes da frase." (RAPOSO 1992:109) Neste nível de representação são espelhados os efeitos da aplicação de regras de movimento. Veja-se abaixo a estrutura-S de (13):



Conforme se pode ver, o SN **que cidade** não ocorre a este nível na sua posição canônica, a posição de [SN,SV] definida na entrada lexical do verbo **destruir**, conforme indicado em (12). Esta representação<sup>14</sup> é, portanto, consequência da aplicação da regra mover Q.

Como forma de facilitar a leitura, neste trabalho as representações das estruturas-P e das estruturas-S serão simplificadas, cingindo-se às partes relevantes para a análise.

<sup>14</sup>Esta representação é incompleta dado que ainda não estabelecemos a categoria vazia deixada pelo movimento dos morfemas Q. Para uma representação completa, veja a parte B deste capítulo.

#### 4. Breve Apresentação de Alguns Princípios da Gramática

Neste ponto fazemos uma apresentação breve dos princípios fundamentais da Teoria X-Barra (Teoria X') e do princípio de projecção uma vez serem cruciais para a nossa análise. Apesar de alguns aspectos de outras teorias definidas no âmbito da TRL serem importantes para a análise (como a teoria da regência e a teoria do caso), uma vez que são de uso pontual não serão aqui apresentados. A sua introdução será feita ao longo do texto.

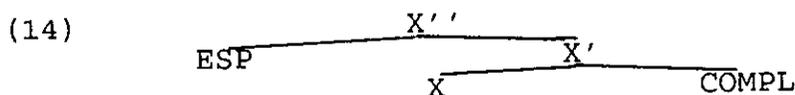
##### 4.1. Os Princípios Básicos da Teoria X-Barra

A Teoria X' "condiciona a forma das categorias e a maneira como as categorias se organizam em estrutura-P". (BRITO 1991:18) Ainda de acordo com a mesma autora, os princípios fundamentais desta teoria são os seguintes:

(i) "as categorias sintácticas obedecem a uma forma geral e homogênea. Cada categoria, X'', é a projecção de núcleo, X° ou simplesmente X; uma projecção máxima só pode dominar uma categoria do mesmo tipo";

(ii) "além de uma posição de núcleo, cada categoria X'' contém uma posição de especificador (ESP) e uma posição reservada ao(s) complemento(s) (COMPL)".

Assim, a estrutura geral de todas as categorias sintagmáticas é a seguinte:



em que: X'' é a projecção máxima de uma categoria lexical X.

Assim, X'' é uma generalização de N'', V'', P'' e ADJ'', o equivalente a SN, SV, SP e SADJ, respectivamente. Neste trabalho,

usaremos basicamente a segunda forma de notação, indicando as posições intermédias (X') caso for estritamente necessário.

De acordo com RAPOSO (1992:191), um dos desenvolvimentos mais recentes da Teoria X' foi a integração sistemática das categorias frásicas F e F' no esquema universal desta teoria. Começa-se a equiparar, em termos da sua estrutura interna, estas duas categorias às categorias lexicais.

Nesta linha e segundo BRITO (1991:23), actualmente concebe-se que "F é o SINTAGMA FLEXIONADO (SFLEX)" e "F' é o SINTAGMA COMPLEMENTADOR (SCOMP)".

Na nossa análise manteremos a notação F uma vez que não são pertinentes para a descrição os constituintes internos desta categoria preconizados na Teoria X'. Adoptaremos a notação SCOMP porque a nossa análise inside sobre componentes desta categoria.

#### 4.2. O Princípio de Projecção

O Princípio de Projecção, considerado um dos mecanismos mais importantes da TRL, reflecte a relação que se estabelece entre o léxico e a sintaxe. Este princípio estipula que a estrutura argumental atribuída a cada item lexical no léxico deve ser respeitada em cada nível de representação - Estrutura-P, Estrutura-S e Forma Lógica. Veja-se o exemplo abaixo dado:

(15) \*O inimigo destruiu.

A agramaticalidade de (15) resulta da violação das propriedades de subcategorização definidas na entrada lexical do verbo **destruir** (cf. (12)), isto é, a estrutura em causa é

agramatical porque nela não ocorre o SN/OD<sub>Tema</sub> previsto na estrutura argumental deste item lexical.

O Princípio de Projecção será de extrema importância na análise de dados uma vez que a nossa argumentação faz constante apelo a ele.

## B. Revisão Bibliográfica

Nesta parte B, pretendemos apresentar a forma como as orações relativas têm sido analisadas no âmbito da GG.

A nossa literatura básica sobre estas orações insere-se no quadro da GG, porque consideramos que este quadro fornece instrumentos que melhor explicam as relativas em geral e as relativas com pronome resumptivo em particular.

Contudo, nesta revisão bibliográfica, apresentamos, ainda que de forma mais sumária, alguns aspectos que a gramática tradicional destaca na análise das orações relativas.

Julgamos que, apesar de termos optado pela GG, é importante ter sempre presente esta perspectiva complementarista pois isso enriquece a própria discussão e ajuda a explicar melhor certos aspectos da língua que talvez não ficassem claros se se usasse apenas um quadro teórico.

### 1. Tipologia das Orações Relativas - Breve Caracterização

Para a preparação deste ponto, tomámos como base CUNHA e CINTRA (1984), MATEUS ET AL. (1989) e LOPES (1971).

Tendo em conta a noção de antecedente, distinguem-se,

normalmente, dois tipos de orações relativas - as relativas com antecedente e as relativas sem antecedente ou livres (Cf. MATEUS ET AL 1989:285-86). Os exemplos abaixo são elucidativos:

(16) O carro que passou é do Estado.

(17) Quem semeia ventos colhe tempestades.

Em (17), a relativa que passou tem como antecedente o SN o carro, ao passo que, em (17), a oração relativa quem semeia ventos é livre uma vez que não se liga a nenhum antecedente.

As relativas com antecedente podem por sua vez, de acordo com a relação semântica que estabelecem com os seus antecedentes, subdividir-se em restritivas e apositivas.

As relativas restritivas ou determinativas são assim chamadas porque, do ponto de vista semântico, têm a função de restringir ou determinar a extensão de signifição do antecedente, por isso, elas são indispensáveis ao sentido da frase. Veja-se o exemplo abaixo:

(18) A Direcção encomendou um computador que já não se usa.

Nesta frase, a relativa que já não se usa tem a função de restringir o sentido do antecedente um computador. Com efeito, a partir da relativa fica-se a saber que não é qualquer computador que foi encomendado mas um que tem as características descritas pela relativa - já não ser usado. Portanto, esta informação é indispensável para a determinação do referente para que aponta o antecedente da relativa e daí o ser imprescindível para a captação do sentido essencial de todo o período (Sobre este tipo de caracterização Cf. LOPES 1971:115-133).

As relativas apositivas ou explicativas distinguem-se das

restritivas, fundamentalmente, porque têm uma função semântica acessória daí que, normalmente, podem ser omitidas sem que isso afecte o significado essencial do período em que ocorrem. Considera-se que funcionam como "apostos", daí o nome "apositivas" (Cf. CUNHA e CINTRA 1984:600) Veja-se o exemplo (19) abaixo dado:

(19) O C. do Sol, **que** já é Campeão Nacional, faz hoje o seu último jogo.

Neste caso, a relativa destacada dá uma informação não indispensável para a determinação do sentido do antecedente o **Costa do Sol** pois já está suficientemente determinado.

## 2. O Estatuto dos Morfemas Relativos no Interior das Orações Relativas

Tradicionalmente, os morfemas relativos são analisados como **pronomes** que desempenham um duplo papel no período em que ocorrem - representar um determinado antecedente e servirem de elo subordinante da oração que iniciam. É com base nesta análise que se considera que "ao contrário das conjunções, que são meros conectores, e não exercem nenhuma função interna nas orações por elas introduzidas, estes pronomes desempenham sempre uma função sintáctica nas orações a que pertencem." (CUNHA e CINTRA 1984:344) Veja-se a ilustração nos exemplos abaixo dados:

(20) Eu, **que** sou teu pai, não tenho bons conselhos!

(21) Partiram o copo **que** me ofereceste.

Em (20), o morfema **que** para além de introduzir a oração relativa **que sou teu pai**, representa, nesta oração o antecedente **eu**, desempenhando assim a função de SU na relativa. Em (21), o

morfema **que** introduz a relativa e representa o antecedente **o copo**, desempenhando a função de OD do verbo **oferecer**.

No Cap. IV voltaremos a esta questão e procuraremos mostrar que a análise aqui adoptada não se revela adequada para o caso do **que** que introduz as relativas do corpus.

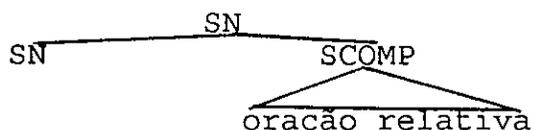
### 3. A Sintaxe das Orações Relativas Restritivas

#### 3.1. A Estrutura Sintáctica que Contém uma Oração Relativa

Uma vez que não é relevante para a nossa análise, não iremos aqui entrar na polémica existente à volta da semelhança ou diferença estrutural entre as relativas restritivas e as apositivas<sup>15</sup>. Vamos aqui apresentar o estatuto atribuído às relativas restritivas e a configuração sintáctica que iremos adoptar para a análise das relativas do corpus.

No âmbito da GG existem várias propostas de análise das relativas restritivas mas a que é mais usual, e que nós adoptamos neste estudo, é a que atribui o estatuto de **adjuntos de SN** a estas orações. Nessa perspectiva de análise, a configuração sintáctica<sup>16</sup> de uma relativa restritiva é a seguinte:

(22)



Assim, a caracterização das relativas restritivas é feita a

---

<sup>15</sup>Sobre esta questão Cf. MATEUS ET AL. (1989) e BRITO (1991).

<sup>16</sup>Para maiores desenvolvimentos Cf. BRITO (1991).

partir da seguinte regra de reescrita (Cf. RAPOSO 1992:124):

(23) SN ----> SN SCOMP

### 3.2. O Movimento Q

A proposta de análise das relativas na GG tem como base a regra mover Q daí que achámos pertinente apresentá-la na sua essência.

"As primeiras análises da regra Movimento Q têm lugar na GGT (Gramática Generativa Transformacional) quando se começa a pôr em causa a existência de regras transformacionais isoladas (T relativização, T interrogação)". (BRITO 1991:55-56) Ainda de acordo com esta autora, foi Bresnan (1970) que propôs a hipótese de análise das interrogativas (independentes e subordinadas) e relativas por uma mesma regra transformacional - a regra mover Q. De então até à TRL esta regra foi sendo encarada de formas diferentes (Cf. BRITO 1991:55-59).

RAPOSO (1992:122) define mover Q como "uma regra que move constituintes interrogativos ou pronomes relativos para uma posição periférica da frase nas orações interrogativas parciais e nas orações relativas, respectivamente." Ainda segundo o mesmo autor, esta regra é assim designada pelo facto de os constituintes movidos por tal regra - à excepção de onde e como - conterem ou consistirem (n)um item cuja primeira letra é q, sendo por isso chamados constituintes Q (constituintes WH em inglês). Tomemos como exemplo a frase abaixo, que envolve uma oração relativa.

(24) A capulana [que compraste] é bonita.

a. A capulana [p, compraste que] é bonita. (Estrutura-P)

b. A capulana [<sub>P</sub>que compraste] é bonita. (Estrutura-S,  
provisória<sup>17</sup>)

Conforme se pode ver, em estrutura-P o constituinte **que** ocorre à direita do V da oração relativa, mas em estrutura-S, pela sua natureza de operador<sup>18</sup>, tal constituinte ocorre, na periferia do constituinte F', como consequência da aplicação da regra mover Q.

### 3.3. Motivação para a Análise das Orações Relativas por Movimento

Para a análise por movimento das orações relativas têm sido apresentados basicamente três argumentos: argumento de natureza lexical, argumento da concordância verbal e argumento da interpretação de anáforas (Cf. BRITO 1991:100-102).

De acordo com BRITO (1991:100), o argumento principal para a análise por movimento destas orações é o de natureza lexical, daí que julgamos oportuno apresentá-lo de forma detalhada uma vez que será crucial na nossa análise.

Na linha desse argumento, considera-se que os constituintes Q "são engendrados pelas regras da base na posição correspondente à sua função sintáctica e deslocados para uma posição inicial de frase por uma regra de movimento." (MATEUS ET AL. 1989:288)

Assim, como forma de explicar a não violação da estrutura de subcategorização dos verbos das orações relativas, defende-se que se deve admitir que, apesar de os constituintes Q ocorrerem à esquerda do constituinte F' em estrutura-S, em termos de

---

<sup>17</sup>Cf. (25b).

<sup>18</sup>Sobre a natureza de operador dos morfemas Q, veja BRITO (1991:108 e segs.)

subcategorização tais constituintes devem ser vistos como sendo engendrados na posição básica correspondente à sua função sintáctica (Cf. RADFORD 1988:467 e segs.), portanto, salvaguardando a estrutura de subcategorização dos verbos envolvidos.

Retomemos o exemplo (24), aqui numerado (25):

(25) A capulana [que compraste] é bonita.

a. A capulana [<sub>P</sub>compraste que] é bonita. (Estrutura-P)

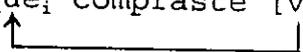
Na verdade, olhando-se para a frase (25) à primeira vista poder-se-ia considerar que, na relativa, não se respeita a estrutura de subcategorização do verbo comprar já que à direita deste verbo não ocorre o SN/OD previsto na entrada lexical, que a seguir se apresenta:

(26) comprar<sub>v</sub>: [ - SN/OD<sub>Tema</sub> ]

Contudo, ao postular-se que o constituinte **que** é gerado na base na posição de [SN,SV], tal como o exemplo (a) acima mostra, fica claro que não houve violação da estrutura de subcategorização do verbo da relativa.

Para legitimar estes casos em que o movimento dos constituintes Q parece provocar a violação da estrutura de subcategorização dos verbos das orações relativas, assume-se que tal movimento deixa um vestígio coindexado com o constituinte movido, respeitando-se desta forma o princípio de projecção. Assim, a estrutura-S de (25) é a seguir apresentada:

b. A capulana<sub>i</sub> [<sub>P</sub>que<sub>i</sub> compraste [v]<sub>i</sub>] é bonita. (Estrutura-S)



Nesta análise, os vestígios deixados pelos operadores

relativos são interpretados como variáveis sintáticas. Daí que a relação que se estabelece entre ambos é uma relação operador-variável, "característica de qualquer oração relativa". (BRITO 1991:167).

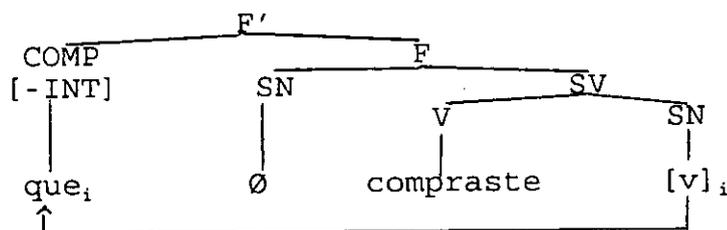
### 3.4. Local de Poiso dos Morfemas Q

Segundo BRITO (1991:39), até Chomsky (1986) prevalecia a posição segundo a qual o movimento Q era um movimento para COMP. Esta posição viria a ser superada a partir de Chomsky (1986), que estabeleceu que o local de poiso dos morfemas Q é a posição de ESP de SCOMP.

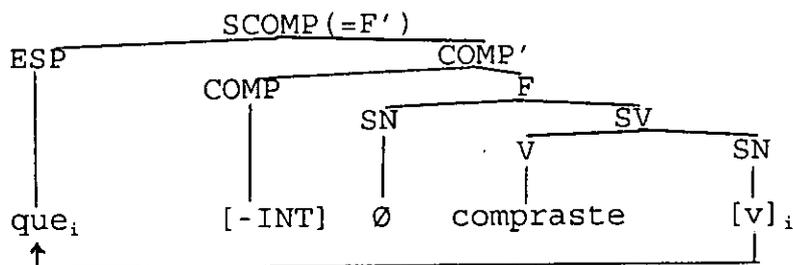
Esta mudança surge em consequência de desenvolvimentos havidos na Teoria X', nomeadamente ao se considerar que SCOMP "deve ter uma posição de núcleo e uma posição de ESP". (BRITO 1991:39)

As representações abaixo da frase (25) ilustram os dois momentos da GG acima referidos:

(27) a.

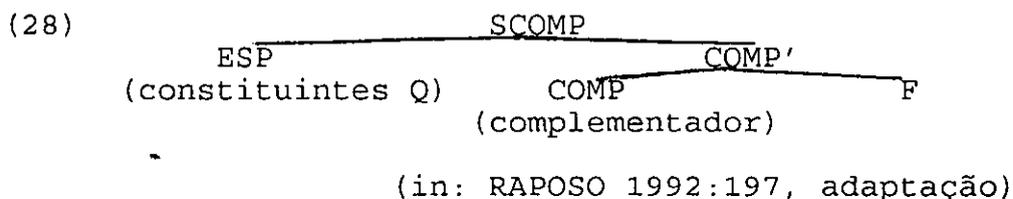


b.



Como se pode ver, em (27a) o constituinte **que** move-se para COMP ao passo que em (27b) o mesmo constituinte move-se para a posição de [ESP,SCOMP]. Nas duas estruturas, temos em COMP o traço [-INT], que, segundo BRITO (1991:24), equivale ao complementador **que**.

Dado que no nosso trabalho postulamos que o **que** que introduz as relativas do PM não é um morfema Q mas sim um complementador, achamos oportuno apresentar aqui a estrutura geral que dá conta da posição dos morfemas Q (em Estrutura-S) e do complementador (em Estrutura-P e Estrutura-S):



#### 4.1. A Estratégia de Pronome Resumptivo na Formação de Orações Relativas

A estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas, apesar de já ter sido atestada no PM, no PE e no PB, a sua manifestação, em certos casos, não é exactamente a mesma. Vejam-se os exemplos abaixo:

(29) Encontrei uma pessoa [que não a via desde criança]. (PM, F13)

(30) "... há certos trabalhos [que mulheres não o podem fazer]" (PE, in: FARIA e DUARTE 1989:23)

(31) "o buraco [que taparam ele outro dia]..." (PB, in: KATO 1993:230)

Conforme se pode notar, nas frases do PM e do PE, o resumptivo é um clítico acusativo ao passo que, na frase do PB, se usa um

pronome pessoal tônico.

Para além desta diferença morfo-sintática, as atitudes que se têm em relação à estratégia de pronome resumptivo nas três variantes do português em referência não são sempre coincidentes.

Com efeito, FARIA e DUARTE (1989:23) admitem que orações relativas com pronome resumptivo ocorrem "no discurso espontâneo de falantes pouco escolarizados" mas consideram que estas orações "não são aceitáveis no PE".

KATO (1993:223), analisando o PB, refere que esta estratégia é perfeitamente legítima se bem que, relativamente à estratégia da lacuna a considere "uma estratégia menor".

No PM, tal como no PB, parece poderem-se legitimar as duas estratégias acima indicadas. Na verdade, as relativas com pronome resumptivo, consideradas "desviantes" relativamente ao padrão europeu, vão ganhando cada vez maior espaço sendo produzidas até por falantes instruídos.

HAEGEMAN (1991:371-73) faz referência às relativas do "francês popular" e do "inglês não padrão" que também exibem a estratégia de pronome resumptivo, ao contrário da estratégia da lacuna admitida pelas variantes padrão destas línguas.

As evidências do português, do inglês e do francês parecem confirmar a posição de Tarallo (1985), citado por KATO (1993), segundo o qual a estratégia de pronome resumptivo é acessível a todas as línguas, o que difere é a quantidade e a produtividade. Assim, enquanto umas seguem esta estratégia com maior frequência outras, como o inglês, usam-na como último recurso (Cf. KATO 1993:224).

#### 4.2. A Regra Mover Q e a Estratégia de Pronome Resumptivo - Duas Perspectivas de Análise

Se bem que a análise das relativas por movimento seja adequada para o caso da estratégia da lacuna, ela não parece prestar-se à análise do caso da estratégia de pronome resumptivo. É esta posição que procuraremos defender no nosso trabalho.

Relativamente ao uso da estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas, há duas posições opostas que têm como foco a regra mover Q. Apresentamos a seguir as duas posições e os principais argumentos que têm sido usados para justificar cada uma delas.

##### 4.2.1. As Orações Relativas com Pronome Resumptivo não Envolvem o Movimento Q

Muitos autores (Cf. COMRIE 1981; FARIA e DUARTE 1989; HAEGEMAN 1991; GONÇALVES 1993 e outros) defendem que na formação das relativas com pronome resumptivo não está envolvida nenhuma operação de movimento.

Vejamos, por exemplo, a forma como HAEGEMAN (1991:372) analisa os seguintes casos do inglês e do francês:

(32) "Voici la maison<sub>i</sub> que Marie y<sub>i</sub> pense encore."  
Lit. aqui está a casa que Maria nela pensa ainda

(33) "The man who<sub>i</sub> John saw him<sub>i</sub>"  
Lit. o homem quem João viu o

Apesar de, no primeiro caso, termos uma relativa de OBL e no segundo de OD, há de comum o facto de em ambas as situações estar patente a estratégia de pronome resumptivo. No entanto, a forma como esta estratégia se manifesta não é a mesma.

Assim, enquanto em (33) o resumptivo *him* está associado ao operador *who*, na posição de [ESP,SCOMP], em (32), a relativa é introduzida pelo complementador *que* daí que o resumptivo *y* não seja coindexado com este introdutor mas sim com o SN *maison*.

As diferenças acima indicadas levaram HAEGEMAN (1991:372) a formular duas hipóteses explicativas diferentes para os dois casos. Assim, para a relativa do inglês, considera que uma vez que o pronome ocupa a sua posição básica, pode-se concluir que o morfema *who* é gerado em [ESP,SCOMP] e, para o exemplo do francês, defende que se deve assumir que o resumptivo está associado a um operador nulo<sup>19</sup> em [ESP,SCOMP].

Portanto, apesar de, na frase do inglês, o introdutor da relativa ser um morfema Q, na análise desta autora, tanto em (32) quanto em (33) não está envolvido o movimento Q.

As relativas do PM assemelham-se à frase do francês acima analisada daí que na nossa argumentação iremos tomar como base a hipótese que HAEGEMAN (1991) coloca para esta língua.

Mesmo sem grandes desenvolvimentos, FARIA e DUARTE (1989:23), para o PB, e GONÇALVES (1993), para o PM, já colocaram a hipótese de nas relativas que seguem a estratégia de pronome resumptivo não estar envolvido o movimento Q.

#### 4.2.2. As Orações Relativas com Pronome Resumptivo Envolvem o Movimento Q

Apesar de a posição anterior ser a mais difundida e ter muitos aderentes, ela não é pacífica. Com efeito, há alguns autores que contestam tal análise.

---

<sup>19</sup>Sobre a noção de operador nulo Cf. HAEGEMAN (1991:420-429).

KATO (1993:232), analisando esta estratégia no PB, considera que "o elemento Q invariável que introduz relativas resumptivas é um pronome relativo oriundo de movimento Q".

Para esta autora, a ocorrência de pronomes resumptivos dentro das relativas é explicada pelo facto de a relativização se dar a partir de deslocamento à esquerda ("left dislocation" (LD<sup>20</sup>)) e não da posição de objecto, sujeito ou adjunto (Cf. KATO 1993:227). Portanto, dá-se o que chama de "extração não-canônica". Veja-se como esta autora analisa a frase do PB abaixo dada:

(34) "A moça que eu falei com ela ontem". (in KATO 1993:227)

a. "A moça [<sub>SCOMP</sub>que<sub>i</sub> [<sub>LD</sub>t<sub>i</sub>] [eu falei com ela<sub>i</sub>] ontem]"

A autora que temos estado a citar considera que o que é relativizado neste caso é o SN na posição de LD daí que o "pronome relativo" que se ligue "ao seu vestígio em LD e este é, por sua vez, correferente com o pronome pessoal ela dentro de IP(=S)<sup>21</sup>." (KATO 1993:228) Portanto, para esta autora, a relação que se estabelece entre o *que*, operador, e *ela*, variável, é uma relação operador-variável. Assim, os pronomes resumptivos são analisados como variáveis sintácticas, tal como os "traços Q".

Para legitimar a sua posição, KATO (1993) serve-se ainda de argumentos empíricos ligados à história dos morfemas relativos. Assim, considera que o facto de no romance antigo haver exemplos de co-ocorrência de um pronome relativo e um pronome pessoal prova

---

<sup>20</sup>Com LD refere-se ao que normalmente se chama tópico. Para mais detalhes (Cf. KATO 1993:227 e 257).

<sup>21</sup>IP e S são as siglas inglesas para "inflection phrase" e "sentence", respectivamente, que na literatura em português, correspondem a SFLEX (sintagma de flexão) e F (frase).

que "pronome relativo com pronome resumptivo, em lugar de variável nula, podem ocorrer juntos" e daí analisar o **que** que introduz as relativas com pronome resumptivo como pronome relativo.

Como se pode notar, para esta autora, por um lado, o elemento Q não é um mero nexos de subordinação mas sim um pronome relativo e, por outro lado, tal elemento é sujeito a movimento - portanto, estamos perante uma posição oposta à apresentada em 4.2.1.

##### 5. A Origem do Morfema QUE - Uma Abordagem Diacrónica e Comparativa

O nosso objectivo neste ponto é, na perspectiva de motivar as nossas hipóteses explicativas sobre o PM, fornecermos alguns dados de natureza diacrónica e comparativa referentes à relação existente entre complementadores e morfemas relativos em particular, e, em última análise, entre os introdutores de subordinação em geral.

O **que** relativo em português teve a sua origem no acusativo masculino neutro do latim **quem** (Cf. BRITO 1991:190). Esta autora refere ainda que no latim vulgar as formas do feminino **quae** e **quam** perderam-se, uma redução que acompanha a perda de valor 'anafórico' do relativo **que**. Esta posição é também expressa em Cohen (1986/89), citada por KATO (1993:232).

Para além do fenómeno da perda do valor anafórico indicado acima, considera-se que na passagem do latim para o português houve uma tendência de uniformização das conjunções de subordinação (Cf. BRITO 1991:190 e MATTOS E SILVA 1993:115).

Assim, refere-se, por exemplo, que, em certo período da evolução do latim, o **que** apareceu a incorporar as funções de **quod** (complementador por excelência) e de **quia** (morfema causal). É nesta

linha que Cohen (1986/85), citada por KATO (1993:232), postula que o complementador **que** advém da convergência de **quod** e **quia**.

Esta posição de Cohen não é a mesma expressa por Jeanjaquet (1894) e Herman (1963), citados por BRITO (1991:190). Com efeito, para estes dois autores, o complementador **que** "é na origem um morfema relativo indeclinável e 'universal' remontando a **quem**". Assim, socorrendo-se de estudos destes autores, BRITO (1991:190) esquematiza deste modo a evolução do morfema relativo **quem**:

(35) quem > que > que  
(forma relativa) (relativo indeclinável e "universal") (conjunção)

Como se pode ver, o morfema **quem** passa de elemento de um conjunto de morfemas relativos para **que**, um relativo de valor universal e este por sua vez "assume o valor de conjunção, herdando os valores de **quod**, não só introduzindo completivas de OD mas apresentando outros valores: causal, consecutivo, final". (p.191)

É exactamente o facto de o **que** aparecer a cumprir esta gama de funções que leva BRITO (1991:191-2) a considerá-lo um "marcador uniforme de subordinação, quase um arqui-morfema, neutro do ponto de vista casual e funcional indicando apenas o nexo de subordinação e cuja função é depreensível a partir do contexto".

Relativamente ao português actual, a conclusão que se pode tirar daqui é que a par da existência de morfemas relativos por excelência<sup>22</sup> (com valor referencial e caso) há o caso do morfema **que**, que tende a ser um "morfema abstracto de subordinação" (BRITO 1991:191), podendo por isso introduzir para além de orações

---

<sup>22</sup>Neste trabalho designaremos estes morfemas (quem, o qual e cujo) por "pronomes relativos" em oposição ao **que** que introduz as relativas com pronome resumativo que não consideramos um **pronome**, mas sim um complementador.

relativas outras orações como completivas e causais. MATTOS E SILVA (1993:115) chega mesmo a considerar que "tal como nas completivas e nas relativas é o **que** o conector primário na subordinação circunstancial".

Esta tendência de uniformização dos introdutores de subordinação e a perda de valor referencial de alguns morfemas relativos são algumas das razões que nos levam a postular que o **que** que introduz as orações relativas com pronome resumptivo seja um mero complementador e não um pronome relativo. Aliás, são estas mesmas razões que levaram BRITO (1991:192) a colocar a hipótese de "o morfema 'relativo' **que** (nas relativas de SU e de OD), o complementador **que** e possivelmente o **que** das construções de focalização serem um e só um morfema básico." Esta hipótese, em parte referida por MATEUS ET AL. (1989:287, nota 1), vai ser retomada no Cap.IV, para apoiar a análise das relativas do PM.

## Capítulo III

### Metodologia de Recolha de Dados Empíricos

#### Resumo

Neste capítulo pretendemos apresentar fundamentalmente a metodologia que presidiu à recolha dos dados empíricos.

Assim, em 1, por um lado, indicamos os critérios que determinaram a escolha da população-alvo e, por outro lado, caracterizamos os indivíduos que nos forneceram os dados empíricos; em 2, mostramos a forma como foram recolhidas as frases do corpus; em 3, descrevemos os testes de aferição de dados e de hipóteses explicativas que administrámos, indicando os objectivos de cada um deles, e em 4, apresentamos os resultados dos testes e fazemos a respectiva avaliação.

## 1. A População-Alvo

Se bem que no âmbito da GG o linguista procure descrever a competência do falante, no sentido de conhecimento linguístico interiorizado, ele tem como ponto de partida para essa descrição expressões linguísticas efectivamente produzidas ou por ele constituídas. Por outro lado, conta com a intuição dos falantes nativos e, muitas vezes, a dele próprio (Cf. BRITO 1991:16).

Nesta óptica, decidimos fazer a análise das relativas de OD e de OBL do PM com base em dados empíricos fornecidos por alunos do nível pré-universitário (11<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> Classes do Novo Sistema de Educação).

A constatação, a partir das evidências linguísticas fornecidas pelos alunos na nossa prática pedagógica, de que as relativas que constituem o objecto de estudo eram produzidas

- (i) tanto por alunos do curso diurno (relativamente mais novos) quanto por alunos do curso nocturno (mais velhos);
- (ii) tanto por alunos que tinham o português como L2 quanto por aqueles que tinham este como L1.

ditou que o curso (diurno ou nocturno) e L1 (português ou LB) não fossem critérios tomados em linha de conta na selecção dos informantes. Isto não significa, contudo, que estes dados não sejam importantes sobretudo quando se sabe, por exemplo, que em Moçambique o português é uma L2 para a maior parte dos falantes adultos.

As razões que nos levaram a não ter em conta a variável L1 prendem-se, por um lado, com o facto de assumirmos que as evidências linguísticas que a maior parte da camada mais jovem que tem o português como L1 recebe (ou terá recebido do meio em que

aprendeu esta língua) já são parte integrante da variante moçambicana do português em formação, daí ser natural que o seu discurso, de um modo geral, não se distinga do discurso daqueles que têm o português como L2.

Por outro lado, ao tomarmos em linha de conta que as relativas em estudo também ocorrem no PE e no PB fica excluída qualquer tentativa de explicar a estratégia de pronome resumptivo apenas à luz do fenómeno de interferência das LB.

Assim, julgamos que as LB só podem ser vistas como "facilitadoras" e não como "causadoras" do fenómeno de pronome resumptivo na formação de relativas, uma abordagem que caberia num trabalho de natureza contrastiva.

O único critério usado para a escolha da população-alvo foi o nível de instrução. Achamos que o nível de instrução dos informantes permite assegurar que a gramática exibida já não pode ser considerada "provisória" mas "definitiva", um elemento de extrema importância na legitimação da nossa previsão de uma futura norma do PM.

Na verdade, considerando que:

- (i) a este nível, os alunos já têm no mínimo onze anos de escolarização em português e que daqui em diante (caso continuem a estudar), regra geral, já não terão o português como disciplina curricular;
- (ii) os alunos são adultos, e portanto pode-se dizer, de um modo geral, que já atingiram uma relativa estabilidade linguística

parece poder-se afirmar que as construções em estudo são de facto potenciais candidatas a uma futura norma do PM.

Na nossa pesquisa estão envolvidos dois tipos de informantes - aqueles que produziram as frases do corpus e os que foram submetidos aos testes de aferição de dados e de hipóteses. Há

alguns casos de alunos que pertencem aos dois grupos de informantes, isto é, que tenham produzido alguma(s) das frases do corpus e que tenham sido submetidos aos testes (ex. RX, produziu a F1 e foi submetido aos testes). No entanto, esta não é a situação típica (ex. TB, apenas submetido aos testes).

Apesar de, na nossa pesquisa, termos considerado o nível de instrução como único critério relevante, decidimos submeter, tanto os alunos que produziram as frases do corpus quanto os que responderam aos testes, a um inquérito (Cf. Anexo V). Com este procedimento pretendíamos assegurar uma caracterização mais rigorosa dos informantes.

Assim, as frases do corpus foram produzidas por 34 indivíduos. Por razões que indicaremos no ponto seguinte, não temos dados completos sobre 8 destes indivíduos. Os outros 26 têm idades que variam entre os 17 e os 39 anos; a distribuição por sexo é equitativa; têm como L1 - 34,6% portugueses, 61,5% uma LB e 3,9% português e uma LB; a maior parte (59,7%) aprendeu o português com mais de cinco anos (Para dados mais completos Cf. Anexo IV).

Foram submetidos aos testes 100 alunos da 11ª e 12ª classes da escola secundária Francisco Manyanga e do Liceu Polana, dos cursos diurno e nocturno. A média de idades destes alunos, que variam entre os 17 e os 39, é de 25 anos; a distribuição por sexo é equitativa; têm como L1 - 49% portugueses, 45% uma LB e 6% português e uma LB (para dados mais completos Cf. Anexo III).

## 2. Constituição do Corpus

As primeiras amostras de orações relativas com pronome resumptivo surgem na sequência de recolhas que fizemos de diferentes tipos de "desvios" cometidos por alunos nossos em trabalhos escritos e em exposições orais, em Quelimane (1986-7) e em Maputo (1988-93).

O objectivo dessas recolhas era um posterior tratamento na sala de aula sobretudo através de exercícios de "correção de erros". Por conseguinte, não se tinha em vista o presente estudo, daí que não tivesse sido nossa preocupação recolher dados completos sobre os alunos que cometeram tais "erros", como idade e L1, por exemplo. Assim se explica que só tenhamos dados mais completos sobre os alunos que produziram as frases recolhidas em 1994 e 1995, período da realização da pesquisa.

Dos diferentes tipos de "erros" detectados, e já tendo em vista o presente trabalho, optámos pelo caso da estratégia resumptiva na formação de orações relativas tendo como base os critérios já apresentados no Cap.I,2, nomeadamente, (i) alto índice de frequência no discurso oral e escrito da nossa população-alvo e (ii) semelhança e regularidade dos mecanismos sintáctico-semânticos envolvidos.

A recolha das frases do corpus foi feita a partir de trabalhos escritos (sobretudo respostas dadas em testes e composições) e orais (sobretudo debates e comentários), preconizados nos programas de ensino. Portanto, não se criaram situações especiais tendentes a "solicitar" os dados necessários. Assim, 16 frases foram produzidas em situação de oralidade e 20 em situação de escrita.

Julgamos que a forma de recolha de dados acima indicada permite assegurar que os alunos, de certo modo, produziram as frases de forma espontânea, uma vez que no tipo de situações em que os dados foram recolhidos se aferem, para além das capacidades linguísticas, outras capacidades como de argumentação e interpretação. É por essa razão que, mesmo sabendo que o professor de português está sempre "atento" à forma, muitas vezes o aluno - sobretudo em situações de discurso oral - valoriza mais o conteúdo secundarizando, portanto, a forma.

Mesmo conscientes das diferenças entre a natureza dos discursos oral e escrito, decidimos incluir no corpus dados recolhidos em ambos os discursos como forma de conseguirmos um corpus mais completo e talvez mais elucidativo do processo de formação de orações relativas no PM.

Com efeito, no discurso oral, normalmente, os falantes usam a língua de forma mais espontânea e, como consequência, os dados fornecidos estão mais próximos da sua realidade linguística. Ao passo que, no discurso escrito, os falantes reelaboram os seus enunciados de acordo com o que consideram, normalmente, a norma de prestígio, o que impede que se tenha acesso a dados que correspondam à forma mais natural de uso da língua.

No entanto, isto não significa que os dados do discurso escrito devam necessariamente ser excluídos da análise. Nós assumimos que o facto de as relativas com pronome resumptivo ocorrerem não só no discurso oral mas também no discurso escrito, tido como mais elaborado, é mais uma evidência de que esta estratégia está em processo de fixação.

Assim, o nosso corpus é constituído por 36 frases reunidas no

Anexo I, das quais 15 integram relativas de OD (parte A do Anexo) e 21 relativas de OBL (parte B). Das 15 frases de OD, 4 são do discurso oral e 11 do discurso escrito e, das 21 de OBL, 12 são do discurso oral e 9 do discurso escrito.

Estas frases são apresentadas em ordem alfabética, tendo como base os verbos das relativas. Podíamos ter organizado o corpus a partir de outros critérios como a "obrigatoriedade" versus "opcionalidade" dos complementos subcategorizados, só que, enquanto este critério pode ser pertinente para as relativas de OBL do corpus já não o é para as relativas de OD, uma vez que em todos os casos registados o complemento OD é obrigatório.

Depois de cada frase, fornecem-se as seguintes informações: código do aluno que produziu a frase / discurso em que foi produzida, oral (or) ou escrito (es) / ano de recolha, por exemplo, AH/or/94. Nos casos em que não se tem informação sobre o aluno que produziu a frase, põe-se um travessão onde se colocaria o código, por exemplo, -/or/90.

### 3. Testes de Aferição de Dados e de Hipóteses

Neste trabalho, decidimos aplicar testes para a aferição dos dados disponíveis e para a verificação das hipóteses explicativas, uma vez que uma simples recolha poderia levar-nos a omitir certos aspectos linguísticos que se pudessem revelar pertinentes para o estudo. Por outro lado, achámos que os resultados dos testes de aferição de hipóteses fornecer-nos-iam bases para argumentar sobre as nossas hipóteses explicativas.

O teste de julgamento ("judgement test"), considerado por

SELIGER (1989:176) como "um teste com alto grau de explicitude" foi o escolhido para verificarmos:

- (i) se os falantes assumiam as regras aplicadas na formação das relativas do corpus;
- (ii) se se confirmava a nossa hipótese de que o morfema **que** que introduz as relativas do corpus não é um pronome relativo mas sim um complementador;
- (iii) se os falantes preferiam a estratégia da lacuna, permitida pela norma do PE na formação de orações relativas, ou a estratégia de pronome resumptivo.

Para o objectivo (i), propusemos aos alunos frases relativas com pronome resumptivo introduzidas por **que**, à semelhança das frases do corpus. Vejam-se os exemplos abaixo:

- (36) Esse é um tipo de programa **que** eu adoraria imenso vê-lo. (T3)
- (37) Esta é a mulher **que** gosto dela. (T2)

Relativamente ao objectivo (ii), propusemos relativas resumptivas introduzidas por "pronomes relativos"<sup>23</sup>, conforme ilustrado a seguir:

- (38) Era uma rapariga a **qual** há muito não a via. (T6)
- (39) O professor tirou certas matérias **as quais** não falámos sobre elas nas aulas. (T8)

Para o objectivo (iii) apresentámos aos alunos relativas formadas a partir da estratégia da lacuna, como as seguintes:

- (40) A senhora mandou uma mensagem ao amigo **que** tanto amava. (T10)

---

<sup>23</sup>De acordo com a posição assumida no Cap.II. 7, designamos por "pronomes relativos" os introdutores **quem**, **qual**, cujo em oposição ao **que** que introduz as relativas com pronome resumptivo que é analisado como complementador.

(41) O professor reprovou os alunos de quem ele não gostava.  
(T4)

Apesar das diferenças estruturais e dos objectivos a atingir, apresentámos as frases, num total de 12, aos alunos como parte de um mesmo teste.

A testagem definitiva foi antecedida de uma pré-testagem tendente a uma primeira avaliação da reacção dos alunos. O nosso objectivo era, a partir dos resultados obtidos, melhorar os testes.

Assim, a partir dessa pré-testagem notámos que os juízos de gramaticalidade dos falantes eram, regra geral, homogéneos no caso de relativas de OD mas díspares no caso de relativas de OBL. Esta constatação determinou que colocássemos, na testagem definitiva, maior ênfase nas relativas de OBL, daí que das 12 frases propostas 9 sejam relativas de OBL e as restantes de OD.

Os inquiridos deviam assinalar com "C" as frases consideradas correctas e com "E" as consideradas erradas, sendo que, relativamente às consideradas erradas deveriam apresentar propostas de correcção.

#### 4. Os Resultados dos Testes e Avaliação

##### 4.1. Quadro Geral dos Resultados<sup>24</sup>

	Frase	Estrutura	Norma do PE	Consideraram		Corrigiram		Dominam a norma do PE	
				Correcta	Errada	Bem	Mal	Sim	Nao
OD	T3	que...V+p. resumptivo	errada	82	18	10	8	10	90
	T6	a qual...V+p. resumptivo	errada	53	47	2	45	2	98
	T10	que... V	correcta	94	6	0	0	94	6
OBL	T2	que...V+ (de+p.resumptivo)	errada	16	84	15	65	15	85
	T5	que...V+(com+p.resumptivo)	errada	25	75	30	45	30	70
	T7	que...V+(sobre+p.resumptivo)	errada	65	35	6	29	6	94
	T8	as quais...V+(sobre+p.resump.)	errada	43	57	7	50	7	93
	T9	quem...V+(de+p.resumptivo)	errada	17	83	13	72	13	87
	T12	os quais...V+(com+p.resumptivo)	errada	40	60	24	36	24	76
	T11	com que...V	correcta	82	18	0	0	82	18
	T1	com os quais...V	correcta	86	14	0	0	86	14
	T4	de quem...V	correcta	47	53	0	0	47	53

NB: - Considera-se que dominam a norma do PE aqueles alunos que forneceram juízos de gramaticalidade condizentes com a norma do PE e, nos casos em que era necessário corrigir as frases estímulo, apresentaram propostas correctas à luz desta norma. Por exemplo, em T3, a percentagem dos alunos que dominam a norma do PE (10%) corresponde aos 10 alunos que corrigiram bem a frase estímulo, de entre os 18 que acertaram o juízo de gramaticalidade;

- Considera-se que não dominam a norma do PE aqueles que forneceram juízos de gramaticalidade que não condizem com a norma do PE e aqueles que, mesmo tendo fornecido juízos correctos, nos casos em que era necessário corrigir as frases estímulo, apresentaram propostas excluídas por esta norma. Assim, a percentagem dos que não dominam a norma do PE é obtida a partir da soma destes dois grupos de indivíduos. Por exemplo, em T3, a

<sup>24</sup>Os dados aparecem em termos de percentagem mas, como o número total de alunos submetidos aos testes é igual a 100, cada percentagem corresponde ao número dos indivíduos em causa (ex. 82% corresponde a 82 alunos).

percentagem dos indivíduos que não dominam a norma do PE (90%) é obtida a partir da soma dos 82 alunos que consideraram correcta a frase estímulo (errada de acordo com a norma do PE) e dos 8 alunos que, apesar de terem apresentado um juízo de gramaticalidade compatível com a norma do PE, corrigiram mal a frase estímulo.

#### 4.2. Avaliação dos Resultados

Ao concebermos os testes, pressupúnhamos que:

(i) o alto índice de aceitabilidade das relativas com pronome resumptivo introduzidas por *que* seria um indicador de que os falantes assumiam as regras aplicadas na formação das relativas do corpus e daí considerar-se-iam relevantes os dados disponíveis;

(ii) o baixo índice de aceitabilidade das relativas com pronome resumptivo introduzidas por "pronomes relativos" seria um indicador de que, pelo menos actualmente, "pronome relativo" e pronome resumptivo não podiam co-ocorrer.

Assim, a aceitação de relativas com pronome resumptivo introduzidas por *que* e a rejeição das introduzidas por "pronomes relativos" seria para nós uma prova de que o *que* que introduz as relativas do corpus não é um pronome mas sim um complementador.

O facto de o PM ser ainda uma variante em formação, acrescido do facto de ser L2 para a maior parte dos falantes adultos "dificulta o recurso a métodos preconizados em linguística para a obtenção de dados empíricos adicionais." (GONÇALVES 1994b) Com efeito, na testagem que realizámos, os falantes mostraram uma grande insegurança linguística, o que podia à partida levar-nos a considerar frágeis os resultados obtidos.

Avaliemos em particular os três tipos de estruturas incluídos nos testes.

(i) Estrutura (*que* + pronome resumptivo)

A relativa contida na frase abaixo é exemplo desta estrutura:

(42) Esse é um tipo de programa [que eu adoraria imenso vê-lo]. (idem (36))

T3 (relativa de OD), T2, T5 e T7 (relativas de OBL) foram propostas para avaliarmos se a regra aplicada pelos falantes nas relativas do corpus, nomeadamente a co-ocorrência do morfema *que* e um pronome resumptivo, era conscientemente assumida.

O facto de 82% dos indivíduos ter considerado T3 correcta, aliado ao facto de apenas 10% ter corrigido bem a frase estímulo, parece indicar claramente que os falantes assumem a regra aplicada nas relativas de OD do corpus.

Se bem que os índices de aceitabilidade de T2 e T5 sejam baixos (16% e 25%, respectivamente), o índice de aceitabilidade de T7 é alto (65%), portanto, perante a mesma estrutura os falantes reagem de formas marcadamente diferentes.

Assim, se os resultados obtidos em T2 e T5 nos podem levar a inferir que os falantes rejeitam a estratégia resumptiva na formação de orações relativas de OBL, os resultados obtidos a partir de T7 parecem invalidar essa inferência.

Um aspecto a salientar aqui é que os resultados dos testes parecem-nos suficientes para postular que, na formação de relativas de OBL, os falantes preferem a estratégia cortadora<sup>25</sup>. A prova disso são as percentagens de indivíduos que propuseram esta estratégia para a correcção das relativas de OBL que exibiam a estratégia de pronome resumptivo (T2: 65,4%; T5: 44% e T7: 28,5%).

Perante estes resultados, parece-nos legítimo considerar que os falantes não estão seguros quanto ao critério que usam para rejeitar ou aceitar as orações relativas em estudo. Em última

---

<sup>25</sup>Sobre esta estratégia, Cf. Cap. I,2.

análise, parece haver dados suficientes para concluir que os falantes não dominam a regra de formação de orações relativas de OD e de OBL permitida pela norma do PE (veja no quadro acima a percentagem de indivíduos que não dominam a norma do PE). O facto de ser baixa a percentagem de indivíduos que corrigiram bem as frases estímulo parece confirmar a nossa análise.

(ii) Estrutura ("pronome relativo" + pronome resumptivo)

A relativa abaixo destacada ilustra este tipo de estrutura:

(43) Despediram o empregado [quem gostavas dele]. (T9)

T6 (relativa de OD), T8, T9 e T12 (relativas de OBL) foram propostas para verificarmos se se confirmava a nossa hipótese de que, pelo menos actualmente, "pronome relativo" e pronome resumptivo não podem co-ocorrer.

A heterogeneidade dos índices de aceitabilidade das frases acima indicadas (53%, 43%, 17% e 40%, respectivamente) não nos permite tirar daqui conclusões definitivas.

Com efeito, apesar de a maior parte dos indivíduos ter rejeitado as frases estímulo, o facto de as percentagens dos que aceitaram essas frases ser de certo modo considerável não nos permite afirmar com segurança que os falantes consideram incompatível a co-ocorrência de "pronome relativo" e pronome resumptivo.

No entanto, os dados disponíveis permitem-nos dizer que se nota por parte dos falantes uma preferência pela estrutura "que + pronome resumptivo" (Cf. os resultados de T3, T2, T5 e T7) em detrimento da estrutura "pronome relativo + pronome resumptivo"

(Cf. ainda os resultados de T6, T8, T9 e T12). Esta conclusão é sustentada pela percentagem significativa de indivíduos que propuseram a estrutura (que + pronome resumptivo) para a correcção das frases estímulo que exibiam a estrutura ("pronome relativo" + pronome resumptivo) - (T6: 68%; T8: 31,5%; T9: 32,5% e T12: 35%, dos indivíduos que rejeitaram as frases estímulo).

(iii) Estrutura (que/"pronome relativo" + lacuna)

A relativa abaixo dada é exemplo deste tipo de estrutura:

(44) O professor reprovou os alunos [de quem ele não gostava [v]]. (idem (39))

T10 (relativa de OD), T1, T4 e T11 (relativas de OBL) foram propostas para avaliarmos se os falantes preferiam a estratégia permitida pela norma do PE na formação de orações relativas, a estratégia da lacuna, em relação à de pronome resumptivo.

Apesar de o índice de aceitabilidade de T4 ser inferior a 50%, os altos índices obtidos nas restantes frases permitem-nos concluir que os falantes preferirem a estratégia permitida pela norma do PE na formação de relativas de OD e de OBL do que a estratégia de pronome resumptivo, o que nos leva a concluir que, relativamente à estratégia da lacuna, a estratégia de pronome resumptivo, tal como no PB, é uma estratégia menor (Cf. KATO 1993:223).

#### 4.3. Breves Conclusões

Relativamente às frases propostas para aferir os dados do corpus (T2, T3, T5 e T7), pode-se concluir que:

(i) os falantes assumem a estratégia de pronome resumptivo na

formação das relativas de OD;

- (ii) a estratégia de pronome resumptivo na formação de relativas de OBL não é sistematicamente assumida.

Portanto, comparativamente ao que ocorre nas relativas de OD, nas relativas de OBL a estratégia de pronome resumptivo parece ser uma estratégia menor. A opção pela estratégia cortadora na correcção de relativas de OBL excluídas pela norma do PE, parece ser um argumento a favor desta nossa análise.

As margens dos índices de aceitabilidade das frases que propusemos para testar as hipóteses explicativas (T6: 53%; T8: 43%; T9: 17% e T12: 40%) não nos permitem tirar conclusões definitivas. Na verdade, o facto de estas percentagens serem apenas ligeiramente favoráveis às nossas hipóteses não dá azo a que daí se infira que elas sejam válidas.

Contudo, comparando os índices de aceitabilidade obtidos em relação às relativas resumptivas introduzidas, por **que** e às introduzidas por "pronomes relativos" verifica-se uma maior aceitabilidade do primeiro tipo de relativas. Este facto é para nós um indício de que, apesar de não se poderem considerar totalmente válidas, as nossas hipóteses podem de certa forma ser usadas para explicar os fenómenos observados nas relativas do PM.

O quadro de resultados mostra claramente que não há consistência quanto ao que os falantes consideram norma, o que é uma eloquente evidência do carácter ainda não estável do PM. Com efeito, os resultados dão uma clara indicação de que paralelamente ao uso do português de acordo com a norma europeia há em Moçambique outras formas de uso que os falantes ainda hesitam em considerar legítimas.

## Capítulo IV

### Análise de Dados

#### Resumo

O objectivo geral deste capítulo é apresentar a descrição estrutural das relativas de OD e de OBL do PM. Nesta descrição, tomamos como ponto de partida uma hipótese explicativa básica, válida para estes dois tipos de relativas.

Assim, em A, apresentamos e justificamos a metodologia adoptada na análise das frases do corpus.

Em B, tendo como base dados empíricos do PE e do corpus, e pressupostos teóricos da GG, caracterizamos as relativas do PM que constituem o nosso objecto de estudo. Nessa caracterização, mostramos a inadequação da análise das relativas do PM de acordo com a regra mover Q e procuramos legitimar a hipótese previamente colocada.

## A. Metodologia de Análise de Dados

Neste ponto, pretendemos apresentar e justificar a metodologia adoptada na Análise de dados; o objecto da parte B deste capítulo.

Esta metodologia será seguida na descrição dos dois tipos de relativas que constituem o nosso objecto de estudo. Assim, a análise tem dois objectivos fundamentais:

- (i) descrever as estruturas das relativas de OD e de OBL permitidas pela norma do PE;
- (ii) caracterizar as estruturas das relativas de OD e de OBL do PM.

### 1. Descrição das Estruturas das Relativas de OD e de OBL (Permitidas pela Norma) do PE

Neste ponto, vamos apresentar as estruturas das relativas de OD e de OBL permitidas pela norma do PE e a forma como elas são analisadas no âmbito da TRL.

O facto de em Moçambique não ter sido ainda estabelecida uma variante do português que possa servir de referência julgamos que torna inevitável que a análise de dados do PM seja feita tendo como ponto de partida a norma do PE, como se disse, a norma de referência adoptada no país. É por isso que decidimos fazer a descrição de aspectos das relativas permitidas pela norma do PE, considerados pertinentes para a análise das relativas do corpus.

### 2. Caracterização das Estruturas das Relativas de OD e de OBL do PM

Neste ponto vamos:

- (i) mostrar em que aspectos as relativas do corpus se distinguem das permitidas pela norma do PE;
- (ii) mostrar até que ponto a proposta de análise das relativas

permitidas pela norma do PE não é apropriada para a descrição das relativas do corpus;

- (iii) propor uma caracterização para as relativas do PM em estudo.

Para melhor respondermos a estes itens, em primeiro lugar apresentamos as hipóteses explicativas e, em segundo lugar, a descrição das relativas do PM.

Na primeira parte, colocamos, justificando, as nossas hipóteses de explicação das relativas em estudo. Essas hipóteses são formuladas a partir de uma análise preliminar das frases do corpus e à luz da regra mover Q.

Na segunda parte, por um lado, mostramos até que ponto as relativas de OD e de OBL do PM não se deixam analisar pelo mesmo esquema usado para descrever as relativas do PE e, por outro lado, procuramos validar as nossas hipóteses explicativas tendo como argumentos os dados empíricos do corpus, os resultados dos testes e pressupostos teóricos da GG.

Em última análise, em 2., procuramos provar que, apesar de se considerarem "desviantes" relativamente à norma do PE, as relativas do PM são legitimáveis ao nível da GU daí que seja esperável que também venham a ser legítimas na futura norma do PM, à semelhança do que ocorre no PB.

## B. Análise de Dados

### 1. Relativas de OD

#### 1.1. Na Norma do Português Europeu

Neste ponto pretendemos destacar alguns aspectos referentes à forma como são analisadas na TRL as relativas de OD do PE, que

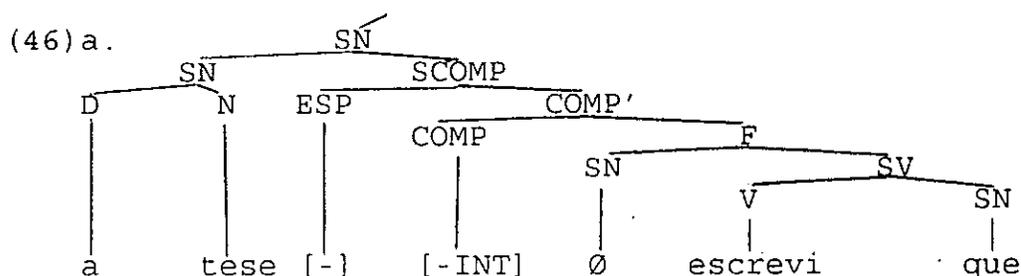
julgamos pertinentes para a descrição das relativas de OD do PM. Para isso, tomamos como base MATEUS ET AL. (1989) e BRITO (1991).

Como já referimos, na formação de orações relativas, a norma do PE admite apenas a estratégia da lacuna, excluindo a estratégia de pronome resumptivo.

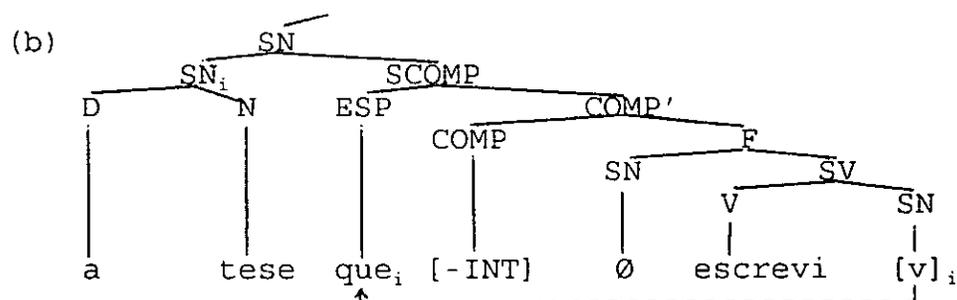
Tomemos como exemplo a seguinte frase:

(45) A tese [que escrevi] roubou-me sono.

É a seguinte a estrutura-P<sup>26</sup> de (45):



Conforme se pode notar, a posição de [ESP, SCOMP], local de poiso dos morfemas Q, encontra-se disponível. Esta posição vai ser preenchida, por movimento, pelo morfema relativo **que**, que ocupa, a este nível, a posição de [SN, SV] da relativa. Veja-se a seguir a estrutura-S de (45) depois da aplicação da regra mover Q:



<sup>26</sup>Conforme referimos no Cap.II, as representações das estruturas-P e estruturas-S serão simplificadas. Representaremos apenas os SN's que contêm as relativas já que as outras partes das frases não são relevantes para a nossa análise. P.e. neste caso, o SV da frase matriz, "roubou-me sono".

Através desta estrutura, pode-se ver que o morfema **que**, gerado na base na posição de [SN,SV], correspondente à sua função de OD, foi movido para a posição inicial da oração relativa, a posição de [ESP,SCOMP], deixando um vestígio na sua posição de partida.

O vestígio deixado é coindexado com o constituinte movido e com o antecedente da relativa, a **tese**.

Nesta análise, e tal como foi referido no Cap.II, o morfema **que** é um operador e o seu vestígio é uma variável sintáctica daí que a relação que se estabelece entre ambos é uma relação operador-variável.

Assim, o **que** tem um duplo papel nesta oração - introduzir a relativa e representar o antecedente a **tese**. Como constituinte Q, este elemento desempenha, na relativa, a função sintáctica de OD.

Apesar de esta análise das relativas de OD que seguem a estratégia da lacuna ser a mais comum, há uma hipótese relativamente mais recente que começa a vingar nos estudos das relativas do português. Aliás, esta hipótese é paralela à análise que se tem adoptado actualmente na descrição das relativas do inglês introduzidas pelo morfema "that" e do francês, introduzidas por "que".

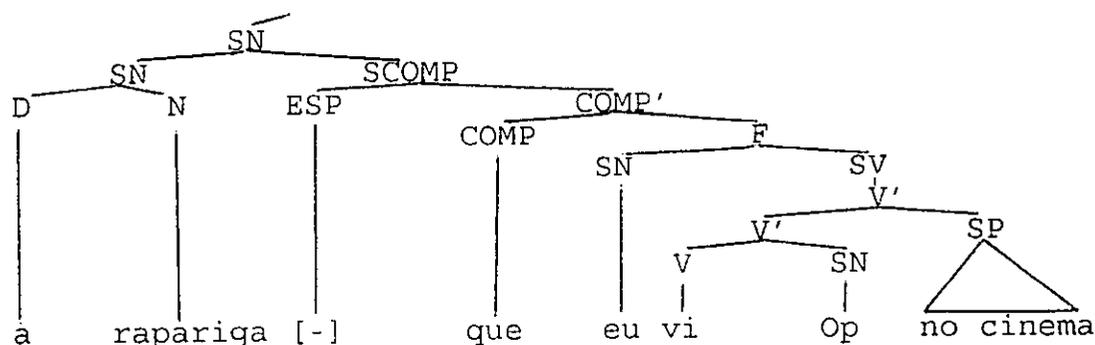
Na verdade, e conforme referimos no Cap.II, 7., MATEUS ET AL. (1989:287, nota 1) e BRITO (1991:162-70 e 181-2), analisando as relativas de SU e de OD do PE, colocam a hipótese de o morfema invariável **que**, que introduz estas orações, ser um complementador gerado basicamente em COMP, daí que considerem que na formação destas relativas não esteja envolvido o movimento Q mas sim o movimento de um operador nulo para [ESP,SCOMP].

Veja-se como a frase (47) é analisada à luz da proposta de análise das autoras acima citadas.

(47) A rapariga [que eu vi no cinema] é minha amiga. (in BRITO 1991:181)

Na perspectiva de análise em referência, a estrutura-P de (47) é a seguinte:

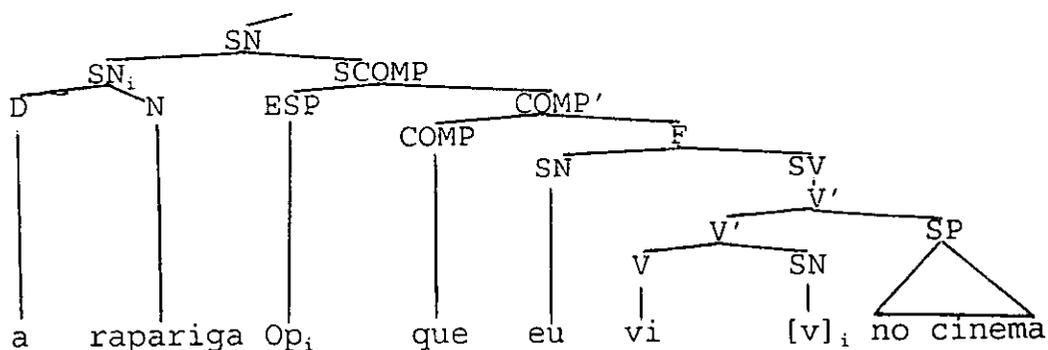
(48)a. Estrutura-P



Como se pode observar, o morfema *que*, como complementador, é gerado basicamente em COMP. A posição de [ESP, SCOMP], que se encontra disponível, vai ser ocupada, por movimento, pelo operador nulo que, a este nível, se encontra na posição de [SN, SV], como complemento OD do verbo *ver*.

Depois da aplicação do movimento do operador nulo, a estrutura-S de (47) é a seguinte:

b) Estrutura-S



A este nível o operador nulo moveu-se para a posição de [ESP,SCOMP] deixando um vestígio na posição de partida. O vestígio deixado é coindexado com o operador movido e com o antecedente da relativa. Assim, nesta análise estaria assegurada a relação operador-variável.

Como se procurou demonstrar, paralelamente à análise feita em relação à relativa contida em (45), MATEUS ET AL. (1989) e BRITO (1991) admitem ainda a hipótese de, na formação das relativas de OD do português que seguem a estratégia da lacuna, não estar envolvido o movimento Q mas sim o movimento de um operador nulo para [ESP,SCOMP]. No ponto 1.2., voltaremos a esta proposta de análise e procuraremos mostrar que ela é, em parte, compatível com a que nós colocamos para a descrição das relativas de OD do PM.

## 1.2. No Português de Moçambique

Neste ponto pretendemos, por um lado, demonstrar que as relativas de OD em estudo não se deixam analisar pelo mesmo esquema usado em 1.1. para explicar as relativas de OD que seguem a estratégia da lacuna e, por outro lado, propor um esquema de análise para as relativas do PM.

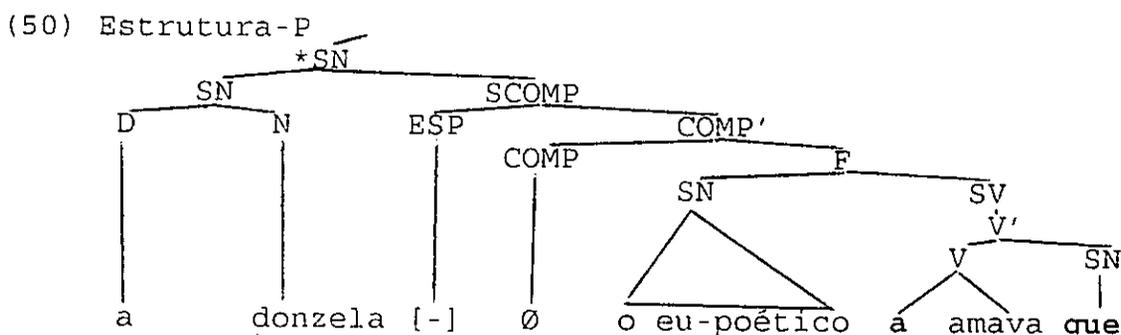
### 1.2.1. Hipótese Explicativa

Na análise da relativa contida em (45), que segue a estratégia considerada legítima pela norma do PE, mostrámos que o movimento do morfema que da posição de [SN,SV] da relativa para o início desta é legitimado pelo vestígio deixado pelo constituinte movido.

No caso das frases do PM em estudo, o lugar que se esperaria vazio, à luz da regra mover Q, está associado a um pronome pessoal clítico acusativo, tal como ilustrado abaixo:

(49) A donzela [que o eu-poético a amava] ia sempre à fonte.  
(F2)

Pelas características apresentadas, consideramos que a proposta de análise adoptada na descrição de (45) não se revela adequada para explicar as relativas de OD do corpus, que exibem a estratégia de pronome resumptivo. É que, adoptando-se tal análise, conforme ilustrado em (50), teríamos de admitir que o verbo **amar** teria, em estrutura-P, dois complementos OD, o **que** e o clítico **a**. A estrutura abaixo ilustra o que se acaba de dizer:



A má formação desta estrutura é consequência da violação do Princípio de Projecção já que ocorrem dois constituintes como OD do verbo **amar**, ao invés de um, segundo estabelecido na entrada lexical deste item (Cf.52).

Assim, se o clítico está associado<sup>27</sup>, em estrutura-P, à posição de [SN,SV]. então, o morfema **que** não pode ter sido gerado nessa

<sup>27</sup>Na representação do clítico adoptada neste trabalho, assume-se que este elemento forma cadeia com uma categoria vazia em posição argumental de objecto. Considera-se assim que o clítico é engendrado na base em posição não argumental sendo associado à posição argumental de [SN,SV], que entretanto se encontra vazia (Cf. GONÇALVES 1990:251).

posição. Por conseguinte, parece que o morfema invariável **que** não pode ser um operador mas sim um complementador gerado basicamente em COMP, tal como qualquer complementador.

Para se assegurar a relação operador-variável, como se disse no Cap. II, característica de qualquer oração relativa, postulamos a existência de um operador nulo em [ESP,SCOMP] gerado basicamente nessa posição.

Portanto, a nossa hipótese é que na formação das relativas de OD do PM não estão envolvidos nem o movimento Q nem o movimento do operador nulo.

#### 1.2.2. Análise Descritiva das Frases do Corpus

Tomemos como base a frase (49) aqui numerada (51). A análise que se fará sobre a relativa em destaque aplica-se a todas as relativas de OD do corpus.

(51) A donzela [que o eu-poético a amava] ia sempre à fonte.

A oração relativa destacada é de OD uma vez que a relativização diz respeito à posição de SN/OD, que neste caso está associada ao clítico acusativo *a*, ao invés da lacuna, conforme estabelece a norma do PE.

À luz da regra mover Q, por um lado, poder-se-ia dizer que o morfema **que**, uma vez tratar-se de uma relativa de OD, ter-se-ia movido da posição de [SN,SV] da relativa.

Por outro lado, partindo do princípio que os morfemas relativos desempenham funções sintáticas no interior das orações em que ocorrem, e considerando que estamos perante uma relativa de

OD, este **que** seria o OD da oração em estudo.

Este modelo de análise não se nos afigura adequado para descrever a relativa contida em (51). Com efeito, conforme já foi aqui referido, assumindo que o morfema **que** se teria gerado na posição de [SN,SV] então teríamos de admitir que na entrada lexical do verbo **amar** estariam previstas duas posições [SN,SV], neste caso preenchidas, em estrutura-P, pelo morfema **que** e pelo clítico *a*, já que o clítico é regido e recebe caso do verbo.

Portanto, assim analisada a frase, estar-se-ia perante um caso de violação das propriedades de subcategorização do verbo em destaque pois este item lexical selecciona apenas um SN/OD, conforme ilustrado abaixo:

(52) amar<sub>v</sub>: [ - SN/OD<sub>Tema</sub>]

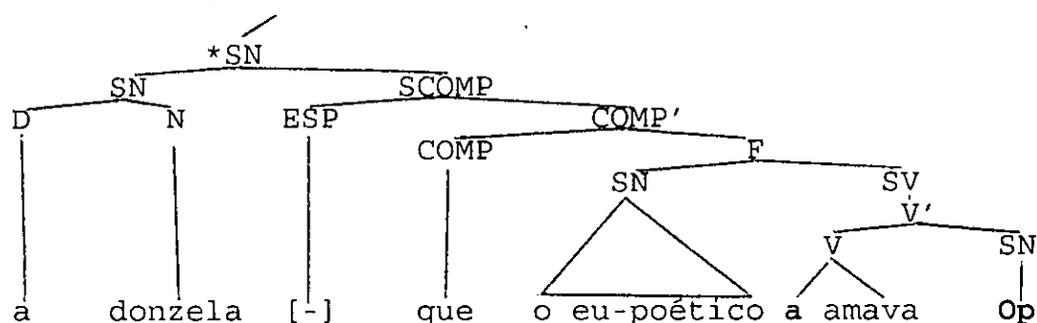
No entanto, uma vez que frases como (51) são frequentes no PM e não são analisadas como agramaticais por uma grande parte de falantes, então urge encontrar uma explicação que as legitime, pelo menos, ao nível da GU.

Assim, para a análise das relativas com pronome resumptivo, e tomando como base o comportamento linguístico da nossa população-alvo, achamos poder-se legitimar a nossa hipótese de o morfema invariável **que** ser apenas um marcador de subordinação e, portanto, referencialmente vazio.

A consequência da nossa análise do morfema **que** como complementador é que este elemento não terá função sintáctica no interior da relativa. A função de OD será assim desempenhada pelo pronome resumptivo, o clítico acusativo. Nesta linha, a estrutura-P e a estrutura-S de (51) são a seguir apresentadas:

violação ao Princípio de Projecção já que, na entrada lexical do verbo **amar** está previsto apenas um complemento OD e não dois. Veja-se a estrutura abaixo:

(54) Estrutura-P



A má formação desta estrutura resulta do facto de dois constituintes, o operador nulo e o clítico, estarem associados à mesma posição de [SN,SV].

Assim, como o clítico já está associado em estrutura-P à posição de [SN,SV] então, o operador nulo só pode ter sido gerado na posição de [ESP,SCOMP], não se movendo desse lugar (Cf. as estruturas (53a e b)).

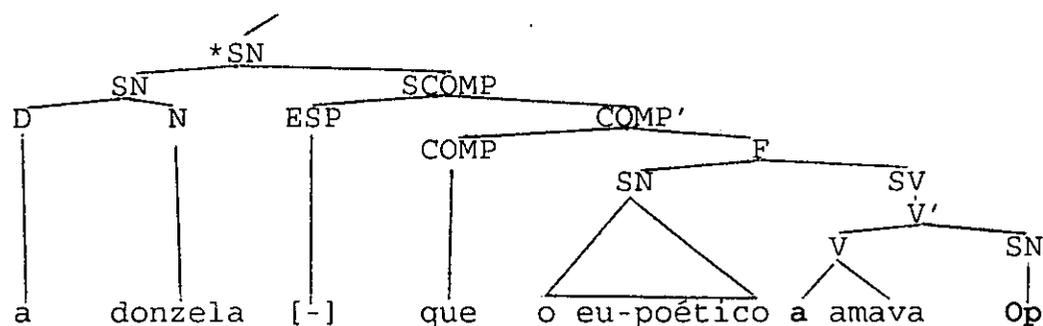
Uma vez que apenas o resumptivo, e não o operador nulo nem o morfema **que**, é em todos os níveis de representação o complemento do verbo **amar** então não há violação do Princípio de Projecção. Deste modo, fica assegurada a conservação das propriedades de subcategorização do verbo em causa.

Já que o morfema **que** não tem valor anafórico, não recebe índice. O pronome resumptivo **a** é que representa, na relativa, o antecedente **a donzela** daí estarem coindexados - a partilha dos traços de concordância é um argumento a favor desta coindexação.

O resumptivo é ainda coindexado com o operador nulo, assegurando-se assim a relação operador-variável.

violação ao Princípio de Projecção já que, na entrada lexical do verbo **amar** está previsto apenas um complemento OD e não dois. Veja-se a estrutura abaixo:

(54) Estrutura-P



A má formação desta estrutura resulta do facto de dois constituintes, o operador nulo e o clítico, estarem associados à mesma posição de [SN,SV].

Assim, como o clítico já está associado em estrutura-P à posição de [SN,SV] então, o operador nulo só pode ter sido gerado na posição de [ESP,SCOMP], não se movendo desse lugar (Cf. as estruturas (53a e b)).

Uma vez que apenas o resumptivo, e não o operador nulo nem o morfema **que**, é em todos os níveis de representação o complemento do verbo **amar** então não há violação do Princípio de Projecção. Deste modo, fica assegurada a conservação das propriedades de subcategorização do verbo em causa.

Já que o morfema **que** não tem valor anafórico, não recebe índice. O pronome resumptivo **a** é que representa, na relativa, o antecedente **a donzela** daí estarem coindexados - a partilha dos traços de concordância é um argumento a favor desta coindexação.

O resumptivo é ainda coindexado com o operador nulo, assegurando-se assim a relação operador-variável.

Assim, diferentemente do que se disse em relação à relativa de OD contida em (45), neste caso, o morfema **que** tem apenas o papel de introduzir a relativa, cabendo ao resumptivo recuperar referencialmente, nesta oração, o antecedente.

Os resultados dos testes aplicados parecem confirmar esta nossa proposta de análise. Com efeito, os falantes parecem preferir a estrutura "**que** + pronome resumptivo"<sup>28</sup> em detrimento da estrutura "pronome relativo + pronome resumptivo"<sup>29</sup>.

Esta nossa assumpção é justificada não só a partir da comparação entre os índices de aceitabilidade dos falantes em relação às frases que exibiam os dois tipos de estruturas, mas também pelo facto de uma parte significativa dos falantes (68%) que rejeitaram T6, que exibia a estrutura "pronome relativo + pronome resumptivo", na respectiva correcção ter proposto frases com a estrutura "**que** + pronome resumptivo".

Este dado é para nós um indicador de que a perda de valor referencial do morfema **que** dá azo a que a informação referencial veiculada pelo antecedente seja recuperada na relativa pelo resumptivo, ao passo que o facto de os "pronomes relativos" veicularem informação referencial "bloqueia" a ocorrência de tal resumptivo, evitando-se assim uma situação de sobreposição de funções entre o "pronome relativo" e o pronome resumptivo.

Portanto, de acordo com a análise que fizemos, fica salvaguardado o respeito pelas propriedades de subcategorização dos verbos das relativas de OD do PM e, conseqüentemente, se legitimam

---

<sup>28</sup>É exemplo desta estrutura a T3: "Esse é um tipo de programa **que** eu adoraria imenso vê-lo", que teve um índice de aceitabilidade de 82%.

<sup>29</sup>É exemplo desta estrutura a T6: "Era uma rapariga **a qual** há muito não a via", que teve um índice de aceitabilidade de 53%.

essas construções ao nível da GU.

Em última análise, o nosso estudo parece ter demonstrado que na formação das relativas de OD do PM não estão envolvidos nem o movimento Q nem o movimento do operador nulo.

## 2. Relativas de OBL

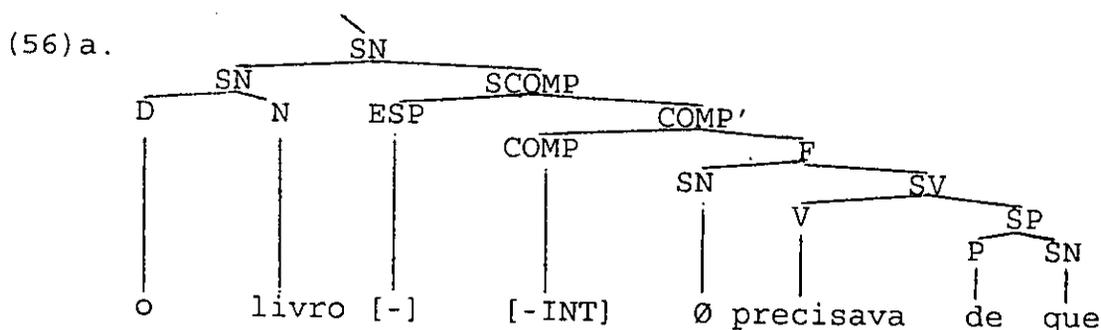
### 2.1. Na Norma do Português Europeu

Neste ponto pretendemos apresentar as relativas de OBL permitidas pela norma do PE, e a forma como elas são analisadas no âmbito da TRL. Para a preparação deste ponto tomamos como base MATEUS ET AL. (1989) e BRITO (1991).

Tal como no caso das relativas de OD, na formação das relativas de OBL, a norma do PE apenas admite a estratégia da lacuna. Vejamos, tendo como base a frase (55), como é que essas relativas são analisadas.

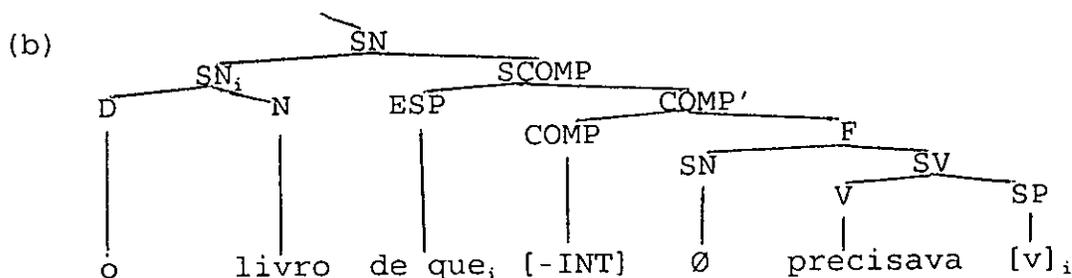
(55) Já consegui o livro [de que precisava].

A estrutura-P de (55) é a seguinte:



Em estrutura-P, a posição de [ESP,SCOMP], encontra-se disponível. Esta posição vai ser ocupada, depois da aplicação da regra mover Q, pelo constituinte relativo **de que**, que ocupa a este

nível a posição de [SP,SV] da relativa. Assim, depois da aplicação da regra mover Q, a estrutura-S de (55) é a seguinte:



Como se pode ver, em estrutura-S, o constituinte relativo de que, gerado na base na posição de [SP,SV], foi movido para a posição de [ESP,SCOMP]. Como consequência desse movimento, na posição básica do constituinte movido há um vestígio. O vestígio deixado é coindexado com esse constituinte movido e com o antecedente da relativa.

Nesta análise, o constituinte de que é um operador<sup>30</sup> e o seu vestígio é uma variável sintáctica, daí que a relação que se estabelece entre ambos é uma relação operador-variável.

Uma vez que o português - diferentemente do inglês, por exemplo - não admite o fenómeno de "preposition stranding"<sup>31</sup>, não é aceitável que se desloque apenas o morfema relativo que permanecendo a preposição de "in situ", daí a agramaticalidade da frase (57) abaixo:

<sup>30</sup>Sobre o estatuto de operador de SP's que contêm morfemas relativos veja BRITO (1988:149-160) e BRITO (1991:108-114).

<sup>31</sup>GONÇALVES (1990:112) traduz esta expressão como "paralisação da preposição". O inglês é uma língua que admite este fenómeno daí a legitimidade da seguinte frase:

(i) I saw the man who you were looking for.

Em (i) moveu-se o morfema who para o início da relativa permanecendo a preposição for "in situ".



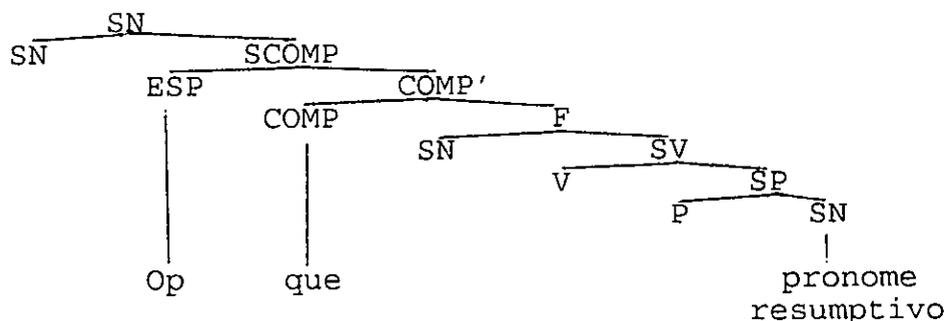
Pelas características apresentadas, achamos que estas relativas do PM não se deixam analisar pelo mesmo esquema adoptado para explicar as relativas equivalentes permitidas pela norma do PE, como a frase (55).

Assim, a nossa hipótese é que, uma vez que o SP/OBL ocorre na sua posição básica, em [SP,SV], então parece que o morfema **que** não é um operador mas sim um complementador, sendo, portanto, gerado basicamente em COMP. Assim, na formação destas relativas parece não estar envolvido o movimento Q.

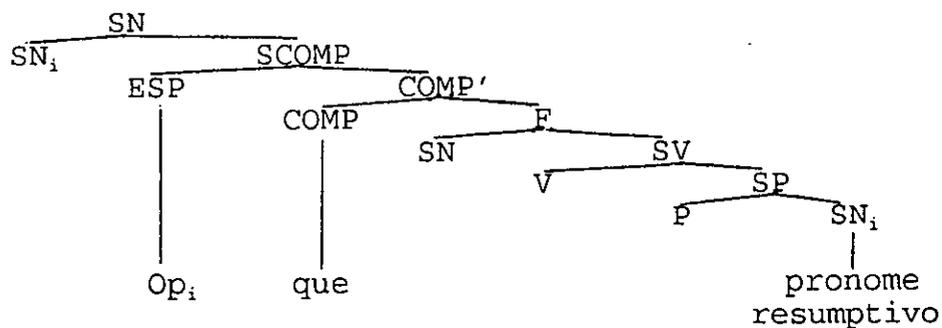
Tal como nos casos das relativas de OD do PM, para se assegurar a relação operador-variável, postulamos a existência de um operador nulo em [ESP,SCOMP], gerado nessa posição.

As estruturas abstractas abaixo pretendem dar conta da nossa proposta de análise:

(59)a. Estrutura-P



b. Estrutura-S



Portanto, tanto em estrutura-P quanto em estrutura-S, o operador nulo e o complementador ocupam as mesmas posições, isto é, nenhum destes dois elementos é sujeito a movimento.

A explicação dada no ponto 1.2. deste capítulo para justificar a existência de um operador nulo e o facto de se considerar que tal operador não é sujeito a movimento, com algumas pequenas diferenças, aplica-se também a este caso de relativas de OBL.

Com efeito, por não haver no interior da relativa, em estrutura-S, uma lacuna que justificaria que daí se tivesse extraído esse operador então colocamos a hipótese de tal operador ser gerado em [ESP,SCOMP], não se movendo dessa posição.

Esta análise pode ser justificada pelo facto de, nas relativas em causa, a preposição ocupar, em estrutura-S, a sua posição básica e pelo facto de o resumptivo, uma vez regido e marcado casualmente por essa preposição, ser o seu SN complemento, tanto em estrutura-P quanto em estrutura-S, e não o operador nulo. Discutiremos esta questão no ponto seguinte.

#### 2.2.2. Análise Descritiva das Frases do Corpus

Apesar de o complemento OBL subcategorizado pelos verbos das relativas do corpus ser em alguns casos obrigatório (ex. F26: gostar) e noutros opcional (ex. F30: namorar), a análise que se fará em relação à oração a seguir destacada aplica-se a todas as relativas de OBL do corpus.

Retomemos o exemplo (58), aqui numerado (60):

(60) É necessário que os novos partidos tenham projectos [que o povo concorde com eles]. (F18)

Para a descrição da relativa contida em (60), partamos das propriedades de subcategorização do verbo **concordar**:

(61) **concordar**<sub>v</sub>: [ - SP/OBL]

A oração relativa em destaque é de OBL uma vez que a relativização está associada à posição de SP/OBL, neste caso lexicalmente preenchida. Com efeito, e como se pode observar, à direita do verbo **concordar** ocorre o SP **com eles** ao invés da lacuna, conforme deveria acontecer caso se admitisse a hipótese de ter sido aplicada a regra mover Q.

De acordo com o referido em 2.1., a haver movimento na formação desta relativa, ter-se-ia movido não apenas o morfema **que** mas todo o SP/OBL já que nesse caso o **que** seria complemento da preposição **com** e uma vez que o português não admite o fenómeno de "preposition stranding".

Por outro lado, uma vez que se assume que os morfemas Q são gerados na base nas posições correspondentes às suas funções sintácticas, a questão que se coloca é a seguinte: de que posição é que teria sido extraído o **que** na oração em análise?

No ponto 2.1., e de acordo com a regra mover Q, dissemos que, nas relativas de OBL permitidas pela norma do PE, o constituinte Q, que integra uma preposição e um morfema relativo, era extraído da posição de [SP,SV] para o início da oração relativa, deixando uma lacuna.

No caso da relativa contida em (60), o que se poderia considerar constituinte Q compreende apenas o morfema **que** e, ao invés da lacuna, ocorre um SP. Por isso, achamos que a análise por movimento Q não se revela adequada para explicar as relativas de

OBL do PM.

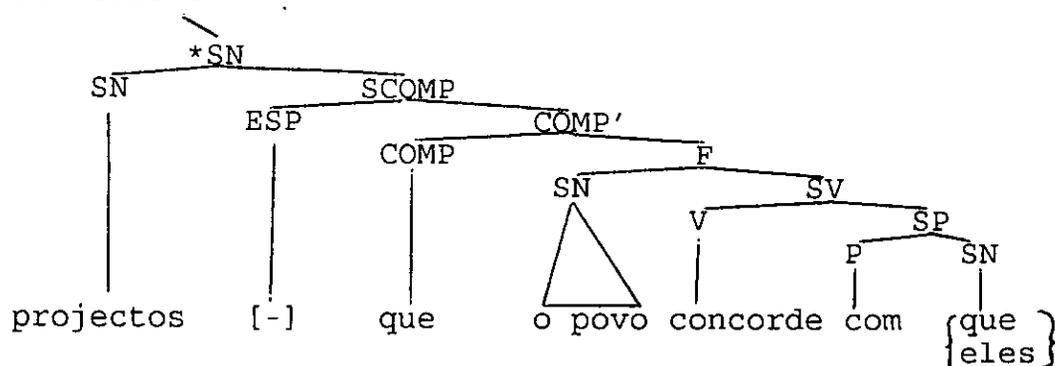
Efectivamente, em relação à relativa em análise, se considerássemos que o **que** é um morfema Q então estaríamos perante um constituinte nominal e, conseqüentemente, não poderia ter sido extraído da posição de [SP,SV]. Portanto, estruturalmente, fica excluída a possibilidade de o morfema em causa ser, em estrutura-P, SP/OBL do verbo **concordar**.

Na verdade, na nossa análise, e como procuraremos demonstrar mais adiante, é o constituinte **com eles** que ocupa a posição de [SP,SV] tanto em estrutura-P quanto em estrutura-S.

Considerando que o introdutor **que** fosse um morfema Q, e abstraindo-nos do facto de o português ser uma língua que não admite o fenómeno de "preposition stranding", podíamos ainda colocar a hipótese de tal elemento ter sido extraído da posição de [SN,SP] portanto, da posição de complemento da preposição **com**.

No entanto, essa possibilidade é de excluir pois já em estrutura-P essa posição é ocupada pelo resumptivo **eles**. Portanto, se admitíssemos a hipótese aqui colocada teríamos de admitir que o verbo **concordar** subcategoriza dois argumentos, o que entraria em contradição com a estrutura argumental do verbo em destaque, apresentada em (61). Veja-se a estrutura abaixo:

(62) Estrutura-P



A má formação desta estrutura resulta do facto de a mesma posição, de [SN,SP], ser ocupada por dois constituintes - o morfema que e o pronome resumptivo eles.

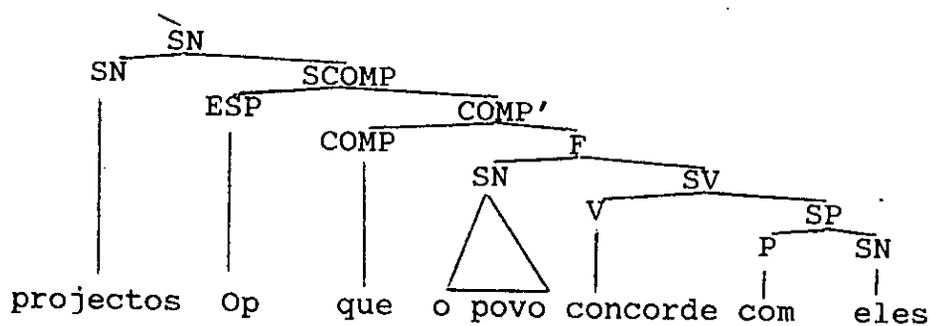
Assim, fica provado que o introdutor da relativa contida em (60), o que, não foi extraído nem da posição de [SP,SV] nem da posição de [SN,SP] e por conseguinte a oração em estudo não se deixa analisar à luz da regra mover Q.

Contudo, porque frases deste tipo são frequentes no discurso oral e escrito de falantes instruídos do PM, achamos que carecem de uma explicação que as legitime, pelo menos, ao nível da GU.

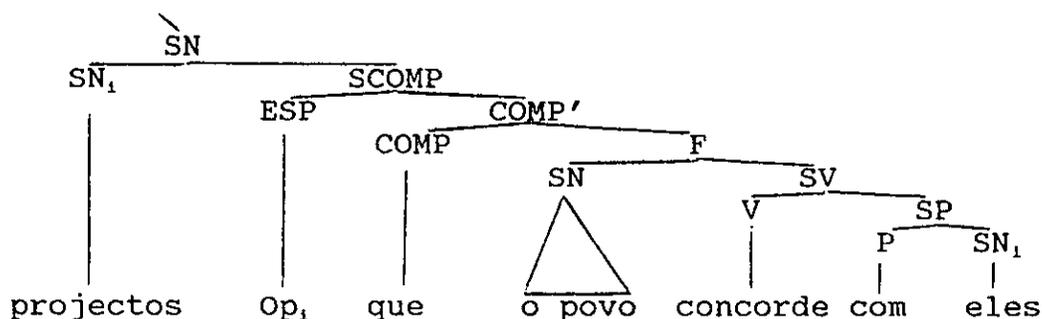
Assim, para a descrição das relativas de OBL do PM, tal como procuramos provar em 1.2.2 . para as relativas de OD, o que invariável que inicia estas orações deve ser visto como complementador, o que implica dizer que deva ser interpretado como referencialmente vazio.

A consequência desta análise é que, tal como no caso das relativas de OD do PM, o morfema que não terá função sintáctica no interior da relativa. A função de OBL, requerida pelos verbos, será então desempenhada pelo SP constituído pela preposição subcategorizada pelo verbo da relativa e pelo pronome pessoal tónico com que ocorre. A estrutura-P e a estrutura-S de (60) abaixo dadas pretendem dar conta da nossa análise:

(63)a. Estrutura-P



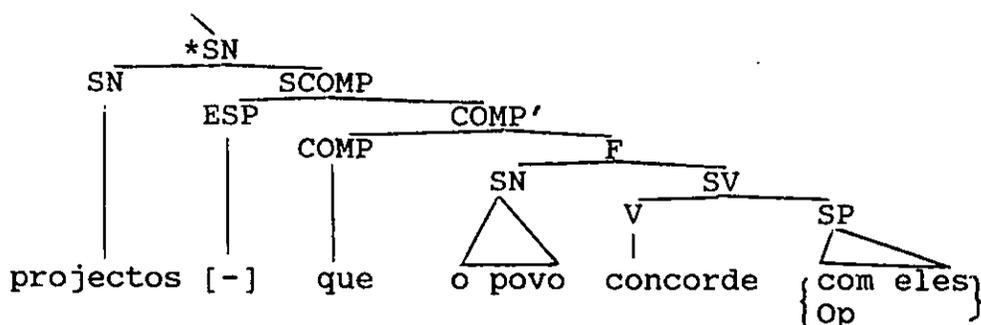
b. Estrutura-S



Conforme se pode notar, as estruturas (a) e (b) acima são semelhantes. Tanto em estrutura-P quanto em estrutura-S, o operador nulo e o morfema *que* ocorrem nas mesmas posições, em [ESP,SCOMP] e em COMP, respectivamente. A posição de [SP,SV] é ocupada, também em ambas as estruturas, pelo SP com eles.

Considerando-se que os operadores relativos são gerados na base nas posições relativizadas, poder-se-ia dizer que, em (60), o operador nulo teria sido gerado em [SP,SV], já que está em causa uma relativa de OBL. No entanto, como (63) mostra, esta análise não seria adequada uma vez que a posição supracitada é ocupada, em todos os níveis de representação, pelo SP com eles. É que se admitíssemos a hipótese acima colocada, estaríamos perante um caso de violação das propriedades de subcategorização do verbo concordar, já que, ao invés de um complemento SP/OBL previsto, ocorreriam, em estrutura-P, dois - o constituinte com eles e o operador nulo. Veja-se a estrutura abaixo dada:

(64) Estrutura-P



A má formação desta estrutura é consequência do facto de a mesma posição de [SP,SV] ser ocupada por dois constituintes - com eles e o operador nulo.

É pelas razões apresentadas acima que consideramos que o operador nulo é gerado na posição não argumental de [ESP,SCOMP] não se movendo desse lugar.

Portanto, tal como nas relativas de OD do PM, na formação das relativas de OBL não estão envolvidos nem o movimento Q nem o movimento do operador nulo.

Uma vez que o morfema *que* é analisado como complementador, e portanto, referencialmente vazio, não recebe índice. Cabe ao pronome resumptivo *eles* representar, na relativa, o antecedente *projectos*, o que justifica o facto de estarem coindexados - a partilha de traços de concordância é um argumento a favor desta coindexação. O resumptivo é ainda coindexado com o operador nulo, que assegura a relação operador-variável.

Assim, diferentemente do que acontece com as relativas de OBL que seguem a estratégia da lacuna, no caso das relativas de OBL do PM que seguem a estratégia de pronome resumptivo o *que* tem apenas o papel de introduzir a oração relativa, tal como nas relativas de OD do PM analisadas em 1.2.

Apesar de os resultados dos testes referentes às relativas de OBL não serem tão eloquentes quanto os referentes às relativas de OD, parecem poder ser usados para legitimar esta análise.

Com efeito, ainda que não seja tão clara como no caso das relativas de OD, há por parte dos falantes uma tendência para aceitar a estrutura [que...V+ (prep + resumptivo)]<sup>32</sup> em detrimento da estrutura ["pronome relativo"... V + (prep+resumptivo)]<sup>33</sup>, 40,3% e 33%, respectivamente. Para além dos índices de aceitabilidade, justifica esta afirmação o facto de uma parte significativa dos indivíduos que rejeitaram as frases que exibiam a segunda estrutura (T8, T9 e T12), na respectiva correcção ter apresentado frases exibindo a primeira estrutura (31,5%; 32,5% e 35%, respectivamente).

Tal como referimos em relação às relativas de OD do PM, estes dados são para nós um indicador de que a perda de valor referencial do morfema *que* nas frases do corpus dá azo a que a informação referencial veiculada pelo antecedente da relativa seja recuperada pelo resumptivo, ao passo que o facto de os "pronomes relativos" veicularem informação referencial "bloqueia" a ocorrência de tal resumptivo.

À semelhança do que se disse relativamente às relativas de OD do PM, a partir da análise aqui proposta, fica salvaguardada a articulação entre o léxico e a sintaxe e, conseqüentemente, ficam legitimadas as relativas de OBL do PM ao nível da GU.

---

<sup>32</sup> É exemplo desta estrutura a frase T7: "As crianças que nós discutimos sobre elas na semana passada". Veja a avaliação que fazemos, no capítulo anterior, sobre T2, T5 e T7.

<sup>33</sup> É exemplo desta estrutura a frase T9: "Despediram o empregado quem gostavas dele". Veja a avaliação que fazemos, no capítulo anterior, sobre T8, T9 e T12.

### 3. Breves Conclusões

Na descrição das relativas resumptivas de OD e de OBL do PM ora realizada, ficou demonstrada a inadequação da explicação da estrutura destas orações com base na regra mover Q.

Para provar a inadequação dessa análise, tomámos como ponto de partida a articulação entre as propriedades de subcategorização dos verbos das relativas e o Princípio de Projecção.

Assim, mostrámos que ao se conceber que o **que**, introdutor das relativas de OD e de OBL do PM, é, em estrutura-P, argumento dos verbos das relativas, conforme a análise à luz da regra mover Q, violam-se as propriedades de subcategorização desses verbos, já que nesse caso há uma sobreposição entre esse morfema e o pronome resumptivo.

Ao analisarmos o **que**, introdutor das relativa estudadas, como complementador, legitimámos estas orações ao nível da GU. Com efeito, mostrámos que, com a nossa análise, se ultrapassa o problema de violação das propriedades de subcategorização dos verbos das relativas. Provámos, portanto, que nas relativas de OD e de OBL do PM não está envolvido o movimento Q.

Para se preservar a relação operador-variável, característica de qualquer oração relativa, postulámos a existência de um operador nulo. Só que, tal como procurámos demonstrar, tanto nas relativas de OD quanto nas de OBL, esse operador nulo é gerado na posição não argumental de [ESP,SCOMP], não se movendo desse lugar.

Em última análise, ficou provado que os dois tipos de relativas estudados podem ser explicados com base no mesmo esquema de análise.

## Capítulo V

### Conclusões e Recomendações

#### Resumo

O objectivo geral deste capítulo é fazer o balanço do estudo realizado.

Assim, em A, apresentamos as conclusões que se podem tirar da pesquisa que realizámos. Mostramos que os resultados obtidos poderão contribuir não só para o conhecimento da gramática do PM mas também para a identificação de aspectos sintácticos de mudança, comuns às diferentes variantes geográficas do português.

Em B, propomos algumas áreas de estudo das relativas do PM que por várias razões não foram incorporadas na nossa análise. Sugerimos também que, no ensino do português em Moçambique, se comecem a aceitar certas formas de uso desta língua que, apesar de se considerarem "desviantes" relativamente à norma do PE, já são frequentes e regulares no PM.

A ESTRATÉGIA DE PRONOME RESUMPTIVO NA FORMAÇÃO DE ORAÇÕES  
RELATIVAS RESTRITIVAS DE OD E DE OBL DO PM

Feliciano Salvador Chimbutane

ERRATA

Pag	Linha	Rodapé	Onde se lê	Leia-se
1	9		quadro teórico sobre a qual	quadro teórico sobre o qual
6		8	Estas designações... à posição de SN/SU.	Estas designações têm a ver com a posição relativizada no interior da relativa. Assim, em (4), por exemplo, temos uma relativa de SU porque no interior da relativa é relativizada a posição de SN/SU.
21	6		Em (17), ...	Em (16), ...
25		17	Cf. (25b)	Cf. (26b)

## A. Conclusões

Como procurámos demonstrar, as relativas de OD e de OBL do PM, que seguem a estratégia de pronome resumptivo, apesar de se considerarem "desviantes" à luz da norma do PE, são legítimas, pelo menos, ao nível da GU.

Na verdade, a estratégia de pronome resumptivo na formação de orações relativas ocorre não só no PM como também no PE e no PB, o que difere são as atitudes que se têm em relação a ela. Assim, enquanto na norma do PE esta estratégia não é permitida, na norma do PB ela é legítima, apesar de ser considerada "uma estratégia menor".

O PM é ainda uma variante em formação daí a hesitação dos falantes em aceitar tal estratégia. Contudo, o facto de ser usada por falantes adultos e instruídos, que em princípio já têm a sua gramática estabilizada, e ocorrer não só no discurso oral mas também no escrito, tido como mais elaborado, permitem antever a sua fixação na futura norma do PM.

O registo da estratégia de pronome resumptivo nas três variantes do português acima referidas levou-nos a afastar a hipótese de a sua ocorrência no PM ser consequência de interferência das LB, línguas que também exibem (e talvez de forma produtiva) esta estratégia. Defendemos, portanto, que as LB sejam vistas como "facilitadoras" e não como "causadoras" do fenómeno em análise.

Assim, os mecanismos envolvidos na formação das relativas do corpus foram explicados à luz do fenómeno de mudança sintáctica inerente à própria história da língua portuguesa.

Com efeito, a análise do introdutor das relativas estudadas, o **que**, como complementador está na linha da hipótese colocada por MATEUS ET AL. (1989) e BRITO (1991) sobre o **que** introdutor das relativas de SU e de OD, permitidas pela norma do PE.

O facto de, em orações relativas, o morfema **que** no PM ser usado mesmo nos casos em **que**, de acordo com a norma do PE, se esperaria a ocorrência de morfemas como **quem**, **o qual**, **onde** e **cujo** reforça a nossa análise como complementador.

Esta redução dos morfemas relativos ao morfema **que**, aliada ao facto de este elemento poder também introduzir orações completivas, causais e consecutivas concorrem para a confirmação da hipótese de BRITO (1991) segundo a qual o **que** é "um marcador uniforme de subordinação, quase um arqui-morfema". Assim, o fenómeno observado nas relativas do PM enquadra-se num contexto mais geral de mudança sintáctica nomeadamente, a tendência de uniformização dos introdutores de subordinação.

## 2. Recomendações

Quanto às relativas de OBL, pareceu-nos que os falantes preferiam a "estratégia cortadora" relativamente à estratégia de pronome resumptivo. Esta pressuposição é justificada, por um lado, pela frequência, no PM, de relativas que seguem tal estratégia e, por outro lado, pelas propostas que os falantes deram na correcção das relativas dos testes que exibiam a estratégia de pronome resumptivo.

Supomos que um estudo da estratégia cortadora levaria ao esclarecimento da questão acima levantada e forneceria dados sobre

a possível legitimação desta estratégia na futura norma do PM.

Confome referimos, no discurso da nossa população-alvo registámos muitos casos de relativas de genitivo envolvendo a estratégia de pronome resumptivo. Pelas razões já indicadas, não analisámos neste trabalho este tipo de relativas. No entanto, achamos que o seu estudo contribuiria para um melhor conhecimento dos mecanismos envolvidos na estratégia analisada.

Por outro lado, como já se disse, porque praticamente não ocorre a estratégia de pronome resumptivo nas relativas de SU e de OI da nossa população-alvo, também decidimos excluir da análise estes dois tipos de orações. Colocámos a hipótese de relativas deste tipo serem típicas do discurso infantil, constituindo, por conseguinte, uma estratégia provisória. Por isso, achamos que o estudo do discurso de crianças (e de indivíduos com um nível de escolaridade relativamente baixo) levaria à confirmação ou reformulação desta nossa hipótese.

Apesar de termos defendido no trabalho que a ocorrência da estratégia de pronome resumptivo no PM não deve ser explicada exclusivamente à luz do fenómeno de interferência das LB, julgamos que se justificaria um estudo de índole contrastiva entre o português e, pelo menos, uma LB.

Pensamos que uma pesquisa nesse sentido serviria, por um lado, para explicar a grande frequência desta estratégia nas relativas de OD e de OBL do PM (o que provavelmente não acontece no PE e no PB) e, por outro lado, para justificar a baixa frequência desta estratégia nas relativas de SU e de OI. É que, para o caso do changana, por exemplo, parece que em muitos casos as estratégias da lacuna e de pronome resumptivo estão em distribuição

complementar.

Para a área de ensino do português em Moçambique, dada a frequência de relativas com pronome resumptivo e uma vez que elas ocorrem no discurso de falantes instruídos, incluindo os próprios professores de português, julgamos que se devia pensar numa possível legitimação destas orações. Talvez fosse esta uma forma de se evitarem as frequentes discrepâncias entre o que o professor diz teoricamente aos alunos (em princípio, correcto sob o ponto de vista da norma do PE) e a sua prática linguística (em que a norma do PE concorre com formas do PM).

Esta reflexão contribuiria para a fixação da estratégia de pronome resumptivo na futura norma do PM, alternando com a estratégia da lacuna, tal como acontece na norma do PB.

## BIBLIOGRAFIA

BRITO, A.M. (1988) "Sintaxe das Orações Relativas em Português: Estrutura, Mecanismos Interpretativos e Condições sobre a Distribuição dos Morfemas Relativos". Tese de doutoramento, Universidade do Porto, Faculdade de Letras.

BRITO, A.M. (1991) A Sintaxe das Orações Relativas em Português. Porto: Instituto Nacional de Investigação Científica.

COMRIE, B. (1981) Language Universals and Linguistic Typology. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1989.

CUNHA, C.; CINTRA, L. (1984) Nova Gramática do Português Contemporâneo. 10ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

DINIZ, M.J. (1986) "Análise de Erros na Frase Relativa". Dissertação de Licenciatura, UEM, Faculdade de Letras.

DUARTE, I. (1987) "A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento". Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

FARIA, I.H.; DUARTE, I. (1989) "O Paradoxo da Variação: Aspectos do Português Europeu". Revista Internacional de Língua Portuguesa, nº 1, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, p.21-27.

GONÇALVES, M.P.; CARLOS, N.; NGUNGA, A. (1986) O Português em Moçambique: Análise de Erros em Construções de Subordinação. Matupo, UEM.

GONÇALVES, M.P. (1990) "A Construção de uma Gramática de Português em Moçambique: Aspectos da Estrutura Argumental dos Verbos". Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.

GONÇALVES, M.P. (1993) "Aspectos da Sintaxe do Português de Moçambique". In Introdução à Linguística Geral e Portuguesa, Lisboa: Caminho. (No prelo).

GONÇALVES, M.P. (1994a) "Movimentos Sintácticos no Português de Moçambique". In Momentos de Crítica Literária VIII (Actas dos Congressos Literários de Campina Grande), Campina Grande, 1994, p.471-479.

GONÇALVES, M.P. (1994b) "Uma Hipótese sobre Estratégias de Aprendizagem do Léxico do Português/L2 em Moçambique". Comunicação apresentada no Congresso Internacional sobre o Português, Lisboa, 11-15 de Abril de 1994.

HAEGEMAN, L. (1991) Introduction to Government and Binding Theory. Oxford: Blackwell.

KATO, M.A. (1993) "Recontando a História das Relativas em uma Perspectiva Paramétrica". In ROBERTS, I. e KATO, M.A. (orgs), (1993), p.223-261.

LOPES, O. (1971) Gramática Simbólica do Português. Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica.

MATEUS, M.H.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.; FARIA, I.H. (1989) Gramática da Língua Portuguesa. 3ª ed. Lisboa: Caminho, 1992.

PEREIRA, E.C. (1991) "Descrição e Análise de Erros da Frase Relativa Produzidos por Estudantes Falantes de Português L1". Dissertação de Licenciatura, UEM, Faculdade de Letras.

RADFORD, A. (1988) Transformational Grammar. A First Course. Cambridge: Cambridge University Press.

RAPOSO, E.P. (1992) Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem. Lisboa: Caminho.

ROBERTS, I. e KATO, M.A. (orgs) (1993) Português Brasileiro: Uma Viagem Diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP.

SELIGER, H. e SHOHANY, E. (1989) Second Language Research Methods. Oxford: Oxford University Press.

MATTOS E SILVA, R.V. (1993) O Português Arcaico: Morfologia e Sintaxe. São Paulo: Contexto.

VASCONCELOS, M. (1993) "Produção de Frases com Orações Relativas". Revista Internacional de Língua Portuguesa, nº 10, Lisboa: Associação das Universidades de Língua Portuguesa, p.51-72.

## ANEXO I - Corpus

### A. Relativas de OD

#### AMAR

- F1. A senhora mandou uma mensagem ao amigo que tanto o amava.  
RX/es/94  
(... o amigo que tanto amava)<sup>34</sup>
- F2. A donzela que o eu-poético a amava ia sempre à fonte.  
MB/es/94 e MV/es/94  
(... uma donzela que ele amava)

#### CONSIDERAR

- F3. A educação tem conseguido nos últimos tempos resultados que não podemos considerá-los satisfatórios. -/es/87  
(... resultados que não podemos considerar satisfatórios.)

#### CONSTATAR

- F4. Esse é um facto que podemos constatar-lo se formos a Portugal. AU/es/94  
(... um facto que podemos constatar...)

#### ENTENDER

- F5. Ouvi a voz da minha mãe proferindo algumas palavras que não consegui entendê-las. RK/es/95  
(... algumas palavras que não consegui entender)

#### EXIBIR

- F6. Tirou do bolso um documento que ao exhibi-lo disse...  
CP/es/94  
(... um documento que ao exhibir...)
- F7. O "ninja" sacou do bolso um punhal que o exibiu em plena paragem. NT/or/94  
(... um punhal que exibiu ...)

#### LIBERTAR

- F8. As pessoas que as íamos libertando passavam a ficar sob o nosso controlo. -/or/88  
(as pessoas que íamos libertando...)

#### REUNIR

- F9. ... Podia recuperar as forças que já não as reunia.  
CV/es/95  
(... as forças que já não reunia)

---

<sup>34</sup>Apresenta-se entre parênteses uma possível realização da frase na norma do PE. Nesta apresentação, tem-se em conta apenas o SN que contém a relativa.

TER

- F10. E eu disse-lhe: "Tens que ter cuidado com as novas amizades bem como com as que já as tens há muito tempo."  
JN/es/95  
(... as que já tens)

VER

- F11. Esse é um tipo de programa que eu adoraria imenso vê-lo.  
LN/or/94  
(... um tipo de programa que eu adoraria imenso ver)
- F12. Estava preocupado com a morte de uma amiga que precisava de vê-la a todo o custo. DR/es/94  
(... uma amiga que precisava de ver a todo o custo)
- F13. Encontrei uma pessoa que não a via desde criança.  
AL/or/94  
(... uma pessoa que não via desde criança)
- F14. Fiquei impressionado pelos fabulosos prémios que os vi serem distribuídos aos jogadores. MB/es/95  
(... os fabulosos prémios que vi serem distribuídos pelos jogadores)
- F15. Há passagens do texto que podemos vê-las. SU/es/95  
(... passagens do texto que podemos ver)

B. Relativas de OBL

APAGAR

- F16. O pano que apagamos com ele o quadro desapareceu.  
SX/or/94  
(o pano com que/o qual apagamos o quadro...)

BRINCAR

- F17. Havia rapazes que nós não brincávamos com eles. FD/or/94  
(... rapazes com os quais nós não brincávamos)

CONCORDAR

- F18. É necessário que os novos partidos tenham projectos que o povo concorde com eles. FU/es/94  
(... projectos com os quais o povo concorde)

## CORRESPONDER

F19. Estes são os Zimbabweanos que eu correspondia com eles. -/or/88  
(... os zimbabweanos com os quais eu me correspondia)

## CRESCER

F20. Conheço pessoas que cresci com elas que não queriam nada com a escola. AH/or/94  
(... pessoas com as quais cresci ...)

## DISCUTIR

F21. As crianças que nós discutimos sobre elas na aula passada também são vítimas da sociedade. SD/or/94  
(as crianças sobre as quais nós discutimos...)

## FALAR

F22. O professor tirou certas matérias que não falámos sobre elas nas aulas. -/or/92  
(... certas matérias sobre as quais não falámos...)

F23. Há algumas questões que não podemos falar sobre elas numa sala de aulas. EM/or/94  
(...algumas questões sobre as quais não podemos falar...)

F24. ... diz três tipos que já ouviste falar deles. -/or/89  
(... três tipos de que já ouviste falar)

F25. O senhor que me atendeu foi chamar o suposto Célio que eu queria falar com ele. AJ/es/95  
(... o suposto Célio com quem eu queria falar.)

## GOSTAR

F26. Esta é a mulher que gosto dela. AS/es/94  
(... a mulher de quem gosto)

F27. O professor reprovou os alunos que ele não gostava deles.  
-/or/87  
(... os alunos de quem ele não gostava)

## JOGAR

F28. A equipa que jogámos com ela no domingo deu muita réplica. -/or/90  
(a equipa com que/a qual jogámos ...)

LEMBRAR-SE

F29. Há algumas figuras de estilo que nós nos lembramos logo delas mas... MC/or/94  
(... algumas figuras de estilo de que nós nos lembramos logo...)

NAMORAR

F30. A atriz era a mulher que ele namorava com ela. NV/es/94  
(... a mulher com a qual ele namorava)

PADECER

F31. ... É buscar o mal que já padece dele. MI/es/95  
(... o mal de que já padece...)

PASSAR

F32. De Angola até Moçambique há muitos países que a pessoa tem que passar por eles ... JX /es/94  
(... muitos países por que/pelos quais a pessoa tem que passar...)

PRECISAR

F33. O apoio que estas crianças precisam dele não deve ser apenas material. JD/es/94  
(o apoio de que estas crianças precisam...)

REFERIR-SE

F34. Os sons que se refere a eles o autor são inaudíveis. JN/es/94  
(os sons a que se refere o autor...)

SAIR

F35. O dinheiro que saí com ele desapareceu. -/or/91  
(o dinheiro com que saí...)

SUBMERGER

F36. ... O eu poético compara o mal que está submerso nele com a situação do seu povo. AO/es/95  
(... o mal em que está submerso...)

## ANEXO II - Teste

Assinale com "C" as frases que considerar correctas e com "E" as que considerar erradas. Relativamente às frases que considerar erradas, apresente propostas de correcção no espaço que lhe é dado no final de cada frase.

- T1: É necessário que os partidos tenham projectos com os quais o povo concorde.
- T2: Esta é a mulher que gosto dela.
- T3: Esse é um tipo de programa que eu adoraria imenso vê-lo.
- T4: O professor reprovou os alunos de quem ele não gostava.
- T5: O apagador que apagamos com ele o quadro desapareceu.
- T6: Era uma rapariga a qual há muito não a via.
- T7: As crianças que nós discutimos sobre elas na semana passada também são vítimas da guerra.
- T8: O professor tirou certas matérias as quais não falámos sobre elas nas aulas.
- T9: Despediram o empregado quem não gostavas dele.
- T10: A senhora mandou uma mensagem ao amigo que tanto amava.
- T11: A equipa com que jogámos na semana passada deu muita réplica.
- T12: Havia rapazes os quais nós não brincávamos com eles.

ANEXO III - Dados sobre os Alunos Submetidos aos Testes

No	Codigo	Idade	Sexo	Natural	L. Materna	L. Bantu	Idade*	Com/Onde**
1	AE	28	M	Maputo	Ronga	Ronga, Chang	8	pais
2	AP	32	F	Xai-Xai	Port	Chang, Rong, Mak	2	pais
3	AX	26	M	Maputo	Ronga	Ronga	12	parentes
4	AC	24	F	Maputo	Port	Chang	2	pais
5	AB	21	F	Maputo	Port	Chang, Chopi	2	pais
6	AM	18	F	Maputo	Port	Ronga	2	pais
7	AJ	33	F	Maputo	Ronga, Port	Ronga, Chang	2	pais
8	AR	26	F	Zambezia	Port	Mak, Lomwe	2	pais
9	AS	26	M	Maputo	Chang	Chang	5	pais
10	AD	23	F	Maputo	Port	Ronga, Chang	2	pais
11	AP	21	F	Maputo	Port	Chopi, Ronga	2	pais
12	AH	25	M	Matola	Ronga	Ronga	5	amigos
13	AV	24	M	Govuro	Ndau	Ndau, Sena, Ronga	7	tios
14	AU	23	M	Maputo	Ronga	Ronga, Chang, Chopi	4	familiares
15	AK	24	M	Maputo	Port	Chang	2	pais
16	AL	22	F	Manhiça	Port	Chang	2	pais
17	AT	24	F	Nampula	Port	_____	2	pais
18	BM	29	F	Maputo	Port, Chang	Chang	2	pais
19	BL	22	M	Maputo	Port	Chang	2	familiares
20	CJ	23	M	Quelimane	Port	Chwabo, Nyanja	2	pais
21	CM	26	M	Nampula	Mak	Mak	7	tia
22	CP	27	M	Inhambane	Xitswa	Xitswa, Rong, Bit	8	escola
23	CC	27	F	R. Garcia	Port, Chang	Chang, Chopi	2	pais
24	CR	17	F	Maputo	Port	_____	2	pais
25	CM	24	M	Maputo	Port	Chang	2	irmaos
26	CT	21	M	Maputo	Chang	Chang	6	tio
27	DR	22	M	Maputo	Ronga	Ronga	5	pais, escola
28	EM	39	M	Chibuto	Chang	Chang	7	Escola
29	EA	26	F	Lichinga	Port	Ronga, Xitswa, Ndau	2	pais
30	EC	20	F	Maputo	Port	Ronga	2	pais
31	ER	26	F	Inhambane	Bit	Bit, Ronga	4	pais, escola
32	EB	19	M	Inhambane	Chopi	Chopi, Ronga, Bit	6	escola
33	FD	20	F	Maputo	Port	Chang, Ronga	2	pais
34	FC	22	M	Maputo	Port	Chang	2	pais
35	FM	25	M	Zambezia	Chwabo	Chwabo	5	irmaos
36	FT	22	M	Maputo	Port	Chang	2	pais
37	FP	29	M	Tete	Port, Nyungwe	Nyungwe, Sena	2	pais
38	FH	19	F	Maputo	Port	Chang	2	pais
39	FU	29	F	Maputo	Port	Chang, Ronga, Mak	2	pais
40	GA	27	M	Zambezia	Manyawa	Manyawa, Nyanja	7	escola
41	IS	36	F	Beira	Port	Ndau, Sena, Bit	2	parentes
42	IS	23	M	Inhambane	Bit	Bit	3	pai
43	IM	20	F	Maputo	Port	Chang	2	pais
44	JD	22	M	Maputo	Ronga, Chopi	Ronga, Chopi	7	escola
45	JI	29	M	Chibuto	Chang	Chang	10	escola
46	JT	21	M	Maputo	Chang	Chang	9	tios
47	JA	21	M	Maputo	Chang	Chang	9	escola
48	JM	24	M	Maputo	Ronga	Ronga, Chang	7	pais
49	JG	23	M	Maputo	Chang	Chang	9	irmaos
50	JC	25	M	Maputo	Chang	Chang	7	escola
51	JL	31	M	Nampula	Mak	Mak	5	pais
52	JK	24	M	Maputo	Port	Ronga, Chang, Bit	2	pais
53	JR	39	F	Milange	Chwabo	Chwabo, Mak	5	pais
54	LN	20	F	Chocwe	Port, Chang	Chang	2	pais
55	LJ	23	F	Inhambane	Xitswa	Xitswa	6	escola
56	LC	17	F	Maputo	Port	_____	2	pais

57	LU	22	F	Maputo	Port	Chang, Chopi, Ronga	2	pais
58	LZ	32	F	Manica	Port	Shona, Sena	2	pais
59	LA	28	F	Inhambane	Xitswa	Xitswa, Chang, Bit	8	escola
60	MC	19	M	Inharrime	Chopi	Chopi, Ronga, Nyungwe	7	escola
61	MM	19	M	Maputo	Port	_____	2	pais
62	MN	21	M	Inhambane	Bit	Bit, Ronga	3	irmaos
63	MS	17	F	Maputo	Port	_____	2	pais
64	MD	22	F	Maputo	Port	Chang	2	pais
65	MR	38	F	Quelimane	Port	_____	2	pais
66	MG	18	M	Maputo	Port	Chang	2	pais
67	MV	17	M	Nampula	Port	Chwabo	2	pais
68	MO	30	M	Maputo	Ronga	Ronga	6	escola
69	MT	17	F	Maputo	Port	_____	2	pais
70	MA	24	M	Chibuto	Port	Chang	2	pais
71	MB	22	M	Massinga	Xitswa	Xitswa, Chang	6	escola
72	NI	21	M	Maputo	Chang	Chang	5	pais
73	NV	18	F	Quelimane	Port	Chwabo	2	pais
74	NT	30	F	Maputo	Chopi	Chopi, Bit, Ronga	5	escola
75	NM	36	M	Inhambane	Port	Bit, Ronga, Chang	2	pais
76	OM	18	M	Maputo	Port	Mak	2	pais
77	OZ	37	F	Quelimane	Port	_____	2	pais
78	PG	42	M	Chimoio	Chang	Chang, Ndau, Sena	8	escola
79	PM	32	M	Maputo	Chang	Chang	5	pais
80	RB	35	F	Gaza	Chopi	Chopi, Chang	6	escola
81	RL	26	F	Marracuene	Port, Ronga	Ronga	2	pais
82	RG	21	M	Maputo	Port	Chang, Ronga, Chopi	2	familiares
83	RS	21	M	Maputo	Chang	Chang	7	escola
84	RK	20	F	Mocuba	Port	Chwabo, Chang, Chopi	2	pais
85	RM	28	M	Quelimane	Chwabo	Chwabo, Chang, Mak	8	escola
86	RX	29	F	Gaza	Chang	Chang	7	escola
87	SA	20	M	Maputo	Port	_____	2	pais
88	SN	23	F	Maputo	Port	Chang	2	pais
89	SR	24	F	Maputo	Chang	Chang	4	Pais
90	SM	35	M	Maputo	Ronga	Ronga	6	escola
91	SZ	22	M	Maputo	Chang	Chang, Xitswa, Bit	5	tios, escola
92	SD	26	F	Maputo	Port	Rong	2	pais
93	SX	19	F	Maputo	Chang	Chang	7	escola
94	SV	18	F	Maputo	Port	Chang	2	pais
95	TB	17	F	Beira	Port	_____	2	pais
96	TF	26	F	Maputo	Chang	Chang, Ronga	7	escola
97	TN	18	F	Maputo	Port	Chang	2	pais
98	VM	24	M	Maputo	Kambane	Kambane, Chang, Chopi	5	pais, escola
99	VJ	21	F	Inhambane	Port	Xitswa, Chang	2	pais
100	ZS	18	F	Zambezia	Port	Mak	2	pais

Notas:

\* = idade com que aprendeu o portugues  
 \*\* = Com quem / onde aprendeu o portugues  
 Port = Portugues  
 Chang = Changana  
 Bit = Bitonga  
 Mak = Makuwa

ANEXO IV - Alunos que Produziram as Frases do Corpus

INo	ICodigo	IIdade	ISexo	INatural	IL.Materna	IL.Bantu	IIdade*	ICom/Onde	I
I 1	IAH	I 25	IM	IMatola	IRonga	IRonga	I	5 IAmigos	I
I 2	IAL	I 22	IF	IManhiça	IPort	IChang	I	2 IPais	I
I 3	IAO	I 25	IM	IMaputo	IRonga	IRonga	I	10 IPais	I
I 4	IAS	I 26	IM	IMaputo	IChang	IChang	I	5 IPais	I
I 5	IAU	I 23	IM	IMaputo	IRonga	IRonga,Chang,Chopi	I	4 IFamiliares	I
I 6	ICP	I 27	IM	IInhambane	IXitswa	IXitswa,Ronga,Bit	I	8 IEscola	I
I 7	ICV	I 38	IM	IMaputo	IRonga	IRonga	I	4 ICasa	I
I 8	IDR	I 22	IM	IMaputo	IRonga	IRonga	I	5 IPais/Escola	I
I 9	IEM	I 39	IM	ICHibuto	IChang	IChang	I	7 IEscola	I
I10	IFD	I 20	IF	IMaputo	IPort	IChang/Ronga	I	2 IPais	I
I11	IFU	I 29	IF	IMaputo	IPort	IChang/Ronga/mak	I	2 IPais	I
I12	IJD	I 22	IM	IMaputo	IRonga/Chopi	IRonga/Chopi	I	7 IEscola	I
I13	IJN	I 23	IF	ITanzania	ISwahili	ISwahili	I	14 IAmigos	I
I14	IJX	I 20	IM	ISofala	ISena	ISena/Mak/Ndau	I	9 IEmpregados	I
I15	ILN	I 20	IF	ICHokwe	IPort/Chang	IChang	I	2 IPais	I
I16	IMB	I 22	IM	IMassinga	IXitswa	IXitswa/Chang	I	6 IEscola	I
I17	IMC	I 19	IM	IInharrime	IChopi	IChopi/Chang/Nyungwe	I	7 IEscola	I
I18	IMI	I 27	IF	IMaputo	IRonga	IRonga	I	2 IPais	I
I19	IMV	I 17	IM	INampula	IPort	IChwabo	I	2 IPais	I
I20	INT	I 30	IF	IMaputo	IChopi	IChopi/Bit/Ronga	I	5 IEscola	I
I21	INV	I 18	IF	IQuelimane	IPort	IChwabo	I	2 IPais	I
I22	IRK	I 20	IF	IMocuba	IPort	IChwabo/Chang/Chopi	I	2 IPais	I
I23	IRX	I 29	IF	IGaza	IChang	IChang	I	7 IEscola	I
I24	ISD	I 26	IF	IMaputo	IPort	IRonga	I	2 IPais	I
I25	ISX	I 19	IF	IMaputo	IChang	IChang	I	7 IEscola	I
I26	ISU	I 18	IF	IMaputo	IPort	IRonga	I	2 IPais	I

Notas: Cf. notas da pagina anterior

ANEXO V - Ficha de Inquérito

INQUÉRITO SOCIOLINGUÍSTICO

1. Nome \_\_\_\_\_

2. Idade \_\_\_\_\_ 3. Sexo \_\_\_\_\_

4. Naturalidade \_\_\_\_\_

5. Qual é a 1ª língua que aprendeu? \_\_\_\_\_

6. Que língua(s) moçambicana(s) é que fala? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

7.1. Com que idade é que aprendeu a falar a língua portuguesa? \_\_\_\_\_

7.2. Onde/com quem aprendeu a falar a língua portuguesa? \_\_\_\_\_